



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa

Karoline de Albuquerque Chacon

Orientador: Profº Dr. Rubens Marques de Lucena

João Pessoa

2012



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa

Karoline de Albuquerque Chacon

Professor Orientador: Dr. Rubens Marques de Lucena

Dissertação de mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título de mestre em Linguística.

João Pessoa

2012

C431c Chacon, Karoline de Albuquerque.
Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa/
Karoline de Albuquerque Chacon.-- João Pessoa, 2012.
114f. : il.
Orientador: Rubens Marques de Lucena
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Análise linguística. 3. Diversidade e
mudança Linguística. 4. Contato dialetal. 5. Palatalização.
6. Atitude linguística.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa

Karoline de Albuquerque Chacon

Dissertação aprovada em _____ de _____ de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)
(Orientador)

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira (UFPB)
Membro avaliador

Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB)
Membro avaliador

João Pessoa

2012

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Luciene Araújo,
e ao meu filho, Államo Chacon,
agradeço o apoio e
compreensão imensuráveis
durante toda a minha trajetória.
Dedico-lhes.

AGRADECIMENTOS

A CAPES, que com a concessão de bolsa de estudos por um ano, contribuiu com estes estudos, me impulsionando e possibilitando vivenciar com tranquilidade esse percurso da minha vida.

Ao professor Dr. Rubens Marques de Lucena, meu orientador, grande incentivador e mediador deste trabalho, impulsionador de outras oportunidades e vivências profissionais, demonstrando que a evolução do ser humano, à luz do conhecimento, é infindável.

À Dra. Regina Celi, coordenadora do PROLING, que sempre esteve solícita e empenhada durante todo o cursar do mestrado, facilitando esta jornada.

À professora Dra. Pilar Roca, por meio do seu Projeto de Intercâmbio com a Universidade de Buenos Aires, com financiamento da CAPES, me proporcionou durante quatro meses contatos naquela Universidade, referência na Argentina, possibilitando o cursar de disciplinas afins e estudos da língua espanhola.

Agradeço às professoras argentinas Elvira Arnoux e Susana Nothstein que com humanização, facilitaram e orientaram o intercâmbio na Universidade de Buenos Aires (UBA), de forma eficaz, monitorando este desempenho e vivência na estadia pioneira em terras estrangeiras.

Reitero meus agradecimentos à professora Susana Nothstein que, antes da minha partida a Buenos Aires, demonstrou receptividade, interesse e confiança, significando um porto seguro e facilitador durante o período da minha adaptação na Argentina, resultando em laços de amizade.

À professora Dra. Adriana Speranza, contribuidora desta dissertação durante o período de Intercâmbio na Argentina, ao estimular maior e mais profunda reflexão qualitativa sobre os dados, além de todo o apoio e atenção fornecidos.

Ao professor Dr. Dermeval da Hora Oliveira que, por meio de seus conhecimentos e receptividade, contribuiu com o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço aos membros examinadores da banca a aceitação do convite para participar da qualificação, contribuindo relevantemente com o aprimoramento deste estudo.

Aos falantes desta pesquisa, seiva viva deste estudo, que me acolheram em suas residências, com receptividade, cortesia e disponibilidade. Agradeço imensamente, pois sem eles este trabalho não se concretizaria.

À minha mãe Luciene e meu filho Államo, companheiros incansáveis de minha jornada, reitero os agradecimentos, reconhecendo o sacrifício, a força e o impulsionamento de toda a minha trajetória.

Ao meu noivo Kleber Amaral, pela confiança, credibilidade e apoio durante esses dois anos turbulentos, mas muito gratificantes e promissores.

Aos universitários Hélio e Harthur Chacon, meus irmãos, pelo imprescindível apoio com meu filho durante os quatro meses que passei em terras porteñas - Argentina.

Ao meu sobrinho Yankev, com dois aninhos de idade, por quem muitas vezes saí do isolamento acadêmico, para enriquecer-me com seu carinho e desenvolvimento em fase de aquisição da linguagem, a me incentivar nestes estudos, com energia e alegria renovadas.

Ao mutirão familiar e fraterno que me rodeia composto pelas minhas tias, em especial por tia Betinha e tio Neto (figura paterna na minha vida), além de tia Zuleida e tia Clara, por Marinete, prima Jéssica, amiga pedagoga Tonicha e demais companheiros de grupo.

Agradeço a Luana Anastácia Santos de Lima, o companheirismo desde o princípio de nosso ingresso no mestrado, a qual testemunhou os esforços, vitórias e dificuldades, auxiliando na superação através de sua fé, positivismo e conhecimentos.

Aos mestres, aos colegas e aos demais que contribuíram com minha formação desde a graduação em Fonoaudiologia, passando pelo intercâmbio na Universidade

de Buenos Aires - Argentina, até a defesa desta dissertação em João Pessoa-Paraíba, contribuindo com a realização deste almejado sonho.

In memoriam – às forças divinas e ancestrais, em especial aos meus avós já falecidos, Bernadete e João Inácio. Avó Bernadete, mulher além do seu tempo, uma visionária de quem herdei a intelectualidade, o amor ao conhecimento, à diversidade cultural e às manifestações artísticas.

¡MUCHAS GRACIAS!

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS, QUADROS, MAPAS, FIGURAS, GRÁFICOS, ESPECTROGRAMAS E ESQUEMAS	
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	
RESUMO	
RESUMEN	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO 1 – Objeto de estudo	23
1.1 A estruturação silábica.....	23
CAPÍTULO 2- VARIAÇÃO, ACOMODAÇÃO E ATITUDE	30
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO.....	30
2.2 TEORIA DA ACOMODAÇÃO (TA).....	33
2.3 ATITUDE LINGUÍSTICA.....	38
2.3.1 Poder e fala.....	39
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	43
3.1 PERFIL DOS PAULISTAS EM CONTATO DIALETAL NA PARAÍBA.....	43
3.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA.....	48
3.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	50
3.4 VARIÁVEL ESTILÍSTICA.....	50
3.5 VARIÁVEIS SOCIAIS.....	52
3.5.1 Tempo de exposição.....	52
3.5.2 Idade.....	52
3.5.3 Naturalidade dos Pais.....	53
3.6 VARIÁVEL ATITUDINAL.....	55
3.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
3.7.1 Formação do <i>Corpus</i>	56
3.7.2 Método de coleta dos dados.....	58
CAPITULO 4- ANÁLISE E DISCUSSÃO	59
4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	59
4.1.2 Incidência geral da palatalização nos falantes paulistas.....	59
4.1.3 Tempo de exposição.....	63
4.1.4 Idade.....	65

4.1.5 Naturalidade dos pais.....	69
4.1.6 Estilo.....	70
4.2 ANÁLISE DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS	76
4.2.1 Falantes que mais se acomodaram à palatalização.....	77
4.2.2 Falantes que menos se acomodaram à palatalização.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105

REFERÊNCIAS

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B - Ficha de Caracterização dos Sujeitos

APÊNDICE C- Textos

APÊNDICE D- Entrevista Sociolinguística

APÊNDICE E- Entrevista sobre a Percepção do falante

APÊNDICE F- Resumo perfil dos falantes paulistas

LISTA DE TABELAS, QUADROS, MAPAS, FIGURAS, GRÁFICOS, ESPECTROGRAMAS E ESQUEMAS

TABELAS

Tabela 1: Acomodação relacionada ao tempo de exposição na 1ª rodada.....	63
Tabela 2: Acomodação relacionada ao tempo de exposição na 2ª rodada.....	63
Tabela 3: Acomodação relacionada à idade na 1ª rodada.....	66
Tabela 4: Acomodação relacionada à idade na 2ª rodada.....	67
Tabela 5: Acomodação relacionada à naturalidade dos pais	69
Tabela 6: Acomodação relacionada ao estilo referente à 1ª rodada.....	71
Tabela 7: Acomodação relacionada ao estilo referente à 2ª rodada.....	71

MAPAS

Mapa 1: Localização municípios São Paulo, Barueri, Taboão da Serra, Santo André e Santos.....	45
Mapa 2: Localização município de Ilha Solteira divisa com Mato Grosso do Sul.....	47
Mapa 3: Localização município de Pederneiras no Centro-Oeste.....	47

QUADROS

Quadro 1: Resumo do perfil dos falantes paulistas em contato dialetal na Paraíba	44
Quadro 2: Variável Fricativa e variantes antes da oclusiva dental surda /t/ e sonora /d/.....	50
Quadro 3: Definição da variável estilística.....	51
Quadro 4: Variáveis sociais.....	51
Quadro 5: Naturalidade dos pais por falante.....	54
Quadro 6: Palavras selecionadas com fones [s,ʃ] antes do fonema /t/.....	57
Quadro 7: Palavras selecionadas com fones [z,ʒ] antes do fonema /d/.....	57
Quadro 08: Variáveis selecionadas na primeira rodada.....	61
Quadro 09: Variáveis selecionadas na segunda rodada.....	62
Quadro10: Total das palatalizações por falante destacando os 3 que mais	

palatalizaram.....	78
Quadro11: Dados atitudinais para acomodação da falante 6.....	80
Quadro12: Dados atitudinais para acomodação da falante 1.....	85
Quadro13: Dados atitudinais para acomodação da falante 2.....	89
Quadro14: Total das palatalizações por falante destacando os 3 que menos palatalizaram.....	93
Quadro15: Dados atitudinais para acomodação da falante 7.....	95
Quadro16: Dados atitudinais para acomodação da falante 5.....	97
Quadro17: Dados atitudinais para acomodação da falante 10.....	101

FIGURAS

Figura 1: Fricativas [s] e [z] diante da vogal [u] segundo Behlau e Russo (1993)...	28
Figura 2: Fricativas [ʃ] e [ʒ] diante da vogal [u] segundo Behlau e Russo (1993)....	38
Figura 3: Modelo das atitudes linguísticas adaptado de Fernández (1998).....	83

GRÁFICOS

Gráfico 1: Acomodação geral do fenômeno da palatalização das fricativas alveolares diante das oclusivas coronais dentais.....	60
Gráfico 2: Acomodação da palatalização relacionada ao tempo de exposição.....	64
Gráfico 3: Acomodação da palatalização segundo a variável idade.....	66
Gráfico 4: Acomodação da palatalização relacionada à idade nas duas rodadas....	68
Gráfico 5: Acomodação da palatalização relacionada à naturalidade dos pais na primeira rodada.....	69
Gráfico 6: Acomodação da palatalização relacionada ao estilo em ambas as rodadas.....	72

ESPECTROGRAMAS

Espectrograma 1: Falante 7 não-palatalização pasta~pa[s]ta.....	73
Espectrograma 2: Falante 7 não-palatalização sexta~se[s]ta.....	73
Espectrograma 3: Falante 7 não-palatalização desdobrou~de[z]dobrou.....	73
Espectrograma 4: Falante 6 palatalização pasta~pa[ʃ]ta.....	73
Espectrograma 5: Falante 6 palatalização sexta~se[ʃ]ta.....	73
Espectrograma 6: Falante 6 palatalização desdobrou~de[ʒ]dobrou.....	73
Espectrograma 7: Falante 1 palatalização pasta~pa[ʃ]ta.....	75
Espectrograma 8: Falante 1 palatalização sexta~se[ʃ]ta.....	75
Espectrograma 9: Falante 1 não- palatalização desdobrou~de[z]dobrou.....	75

ESQUEMAS

Esquema 1: Esquema representando as variáveis que convergem à acomodação da palatalização.....	70
Esquema 2: Engrenagem linguísticopsicossocial na acomodação.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

- VALPB- Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba
VAR SUL- Projeto de Variação linguística na Região Sul
NURC- RJ- Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro
LUAL- Língua Usada em Alagoas
PB- Português do Brasil
TA- Teoria da Acomodação
SAT- *Speech Accommodation Theory*
CAT- *Communication Accommodation Theory*
T.E- Tempo de Exposição
N.P- Naturalidade dos Pais
F.R.SP- Frequência de Retorno em São Paulo
T.C.PB- Tipo de Contato na Paraíba
N.E- Nível de Escolaridade
- / / - Representação fonológica
[] - Representação fonética
/s/ - Fricativa alveolar surda
[ʃ] - Fricativa palatal surda
/z/ - Fricativa alveolar sonora
[ʒ] - Fricativa palatal sonora
/t/ - Oclusiva dental surda
/d/ - Oclusiva dental sonora

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo avaliar a existência ou não do processo de acomodação da palatalização em coda medial no contato dialetal de paulistas com pessoenses. À luz da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1983 [1972]; LABOV et al, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), Teoria da Acomodação (GILES et al, 1973; GILES, 1977; GILES et al, 2010 [1991]) e considerações sobre as atitudes linguísticas (LAMBERT, 1967; GILES et al, 2010 [1991]; FERNÁNDEZ, 1998; COUPLAND, 2007), foram analisadas as variáveis estilísticas, sociais e atitudinais dos falantes para compreender a incidência do fenômeno estudado. A pesquisa foi do tipo experimental e de naturezas quantitativa e qualitativa, da qual participaram dez falantes paulistas selecionados por faixa etária (de 19 a 25 e acima de 30 anos de idade) e pelo tempo de residência em João Pessoa (acima de um ano). Como variáveis, foram estipuladas as linguísticas dependentes: fones [s,z] antes de /t/ e os fones [ʃ,ʒ] antes de /d/; as variáveis estilísticas: estilos de leitura de texto e de entrevistas; as variáveis sociais independentes: idade, tempo de exposição, naturalidade dos pais; e a variável atitudinal: atitude linguística. A análise do fenômeno foi possível a partir de duas etapas, sendo a primeira, por meio do preenchimento da ficha de caracterização do sujeito, da entrevista sociolinguística e de percepção do falante e da leitura de três mini-textos com 17 palavras, com o objeto de estudo em posição pretônica e 14 em posição tônica, distribuídas aleatoriamente. A segunda etapa, com os resultados estatísticos rodados no Programa *GoldVarbX*, que apontou o peso relativo para as variáveis controladas, definindo a significância, bem como a correlação probabilística entre as variáveis mais relevantes com os dados atitudinais da análise das atitudes linguísticas. Após análise dos dados quantitativos e qualitativos, considerou-se que, apesar das variáveis tempo de exposição e idade favorecerem à acomodação da palatalização, à incidência geral deste fenômeno foi menor que 35%, indicando a pouca aplicação da palatalização. Além disso, investigar os dados atitudinais dos falantes que aplicaram o fenômeno possibilitou observar que é na fase da infância e da adolescência que o *status* e as forças relacionadas ao poder e à fala estimulam emoções negativas que favorecem à acomodação. Por isso, a idade e o tempo de exposição foram os fatores sociais mais relevantes para a acomodação da palatalização. Por outro lado, indicou também que aspectos de solidariedade com o falar de origem ajudam na preservação de aspectos do falar familiar, mantendo certo vínculo paulista e divergindo com a acomodação à palatalização.

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo evaluar la existencia o no del proceso de acomodación de la palatalización en coda medial en el contacto dialectal de *paulistas* con *peessoenses*. A la luz de la Teoría de la Variación Lingüística (LABOV, 1983 [1972]; LABOV et al, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), Teoría de la Acomodación (GILES et al, 1973; GILES, 1977, GILES et al, 2010 [1991]) y consideraciones sobre las actitudes lingüísticas (LAMBERT, 1967, GILES et al, 2010 [1991]; FERNÁNDEZ, 1998; COUPLAND, 2007), fueron analizadas las variables estilísticas, sociales y de actitud de los hablantes para entender la incidencia del fenómeno estudiado. La investigación fue experimental, de naturaleza cuantitativa y cualitativa, al cual participaron diez hablantes *paulistas* seleccionados por edad (19-25 y mayores de 30 años de edad) y por el tiempo de residencia en *João Pessoa* (más de un año). Como variables fueron controladas las lingüísticas dependientes: los fones [s, z] antes de /t/ y los fones [ʃ, ʒ] antes de /d /; las variables estilísticas: tipos de lectura de textos y entrevistas; las variables sociales independientes: edad, tiempo de exposición, naturalidad de los padres; y la variable de actitud: la actitud lingüística. El análisis del fenómeno fue posible a partir de las dos fases, la primera relleno los datos del formulario de la caracterización de los sujetos, la entrevista sociolingüística y de la percepción del hablante y de la lectura de tres mini-textos con 17 palabras con el objeto de estudio en la posición átona y 14 en la posición tónica, distribuidos al azar. El segundo paso, los resultados estadísticos ejecutados en el Programa GoldVarbX, el cual señaló el peso relativo para las variables controladas que definen su significancia y correlación probabilística entre las variables más relevantes con los datos de las actitudes lingüísticas. Tras el análisis de los datos cuantitativos y cualitativos encontraron que aunque las variables, tiempo de exposición y edad favoreciesen la acomodación de la palatalización la incidencia general de este fenómeno fue menos del 35%, lo que indica poca aplicación de la palatalización. Además, investigar los datos de actitud de los hablantes que han aplicado el fenómeno permitió observar que es en la infancia y la adolescencia que el estatus y las fuerzas relacionadas al poder y el habla estimulan emociones negativas que favorecen a la acomodación, por lo tanto, la edad y el tiempo de exposición fueron los factores más relevantes para la acomodación de la palatalización. Por otro lado, también indicó que los aspectos de la solidaridad con el habla de origen contribuyen en la preservación de los aspectos del habla familiar, manteniendo cierto vínculo *paulista* y divergiendo con la acomodación a la palatalización.

ABSTRACT

The present study aimed to evaluate whether or not the accommodation process of palatalization in the medial coda dialect contact with *peçoenses* of Sao Paulo. In light of the Theory of Language Variation (LABOV, 1983 [1972]; LABOV et al, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), Accommodation Theory (GILES et al, 1973; GILES, 1977, GILES et al, 2010 [1991]) and considerations on language attitudes (LAMBERT, 1967, GILES et al, 2010 [1991]; FERNÁNDEZ, 1998; COUPLAND, 2007), variables were analyzed stylistic, social and attitudinal speakers to understand the impact of phenomenon. The research was an experimental, quantitative and qualitative, attended paulista ten speakers selected by age (19-25 and above 30 years of age) and the residence time in João Pessoa (over one year). As the variables were set language dependent: earphones [s, z] before / t / and headphones [ʃ, ʒ] before / d /; stylistic variables: types of reading text and interviews, the social variables independent age, exposure time, birth parents, and the attitudinal variable: language attitude. The analysis of the phenomenon was possible from the two phases, the first by filling out the form characterization of the subject, the sociolinguistic interview and perception of the speaker and three mini-reading texts with 17 words with the object study in unstressed position and 14 in root position, randomly distributed. The second step, the statistical results GoldVarbX run the program, which pointed to the relative weight of the controlled variables defining the significance and the probabilistic correlation between the variables most relevant to the attitudinal data analysis of language attitudes. After analysis of quantitative and qualitative data found that although the variables, exposure time and age favor the accommodation of palatalization the overall incidence of this phenomenon was less than 35%, indicating little application of palatalization. Furthermore, to investigate the attitudinal data from speakers who have applied to observe the phenomenon that is allowed in childhood and adolescence that the status and the forces related to power and speech stimulate negative emotions that favor accommodation, therefore, age and duration exposure were the factors most relevant to the social accommodation of palatalization. On the other hand, it also indicated that aspects of solidarity with the talk of origin help in preserving aspects of speaking family, maintaining a certain relationship with diverging Sao Paulo and accommodation to palatalization.

*“A língua é um dialeto com um exército e
uma marinha”*

Max Weinreich (1945)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a acomodação do falar paulista ao pessoense (Paraíba), investigando a palatalização ou não das fricativas alveolares em coda medial diante das oclusivas dentais surda e sonora.

A motivação adveio de alguns estudos realizados recentemente com o falar paraibano em contato dialetal com o falar carioca (MARQUES, 2006) e com o falar paulista (MENDES, 2010), interessando-nos investigar uma situação oposta, isto é, o contato dialetal de paulistas com os pessoenses/paraibanos.

Um outro dado relevante e motivador para desenvolver esta pesquisa foi o levantamento do IBGE, segundo Oliveira, Ervatti e O'Neill (2011), sobre as migrações inter-regionais para o Censo 2011, as quais apontaram significativa diminuição de saída de paraibanos a São Paulo, bem como o retorno dos que haviam migrado anteriormente. Apesar dos dados ainda mostrarem que existem mais migrantes paraibanos em São Paulo do que paulistas na Paraíba, percebe-se aumento da população de migrantes paulistas residentes em João Pessoa.

Assim, foram selecionadas as fricativas alveolares em coda medial diante das oclusivas dentais /t/ e /d/ por caracterizarem o falar paulista com a pronúncia alveolar (pa[s]ta e e[z]drúxula) e o pessoense com a palatal (pa[ʃ]ta e e[ʃ]drúxula).

A constatação dessa caracterização do falar paulista foi indicada por meio do trabalho de Câmara Jr. (2006, p. 93), ao fazer o contraste entre o falar carioca (pronúncia rara da fricativa alveolar surda e sonora no Rio de Janeiro e ocorrência desta no falar de São Paulo) com o paulista. Priston (2007) corrobora esta caracterização no falar de São Paulo, ao abordar a diversidade de sotaques no português do Brasil.

A caracterização do falar pessoense nesta posição específica da sílaba pode ser guiada por alguns apontamentos de Hora (2000), citado por Macedo (2004) e Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), ao afirmarem que a palatalização é condicionada pelas oclusivas /t/ e /d/.

Para embasar a pesquisa recorreu-se principalmente às Teorias da Variação Linguística da Acomodação (TA) e as concepções sobre as atitudes linguísticas.

Sabe-se que a Teoria Variacionista ((LABOV, 1983 [1972]; (LABOV et al, 2006 [1968]); (LABOV, 2008 [1972]) fundamenta a variação na fala como regular e

sistemática, relacionando fatores sociais ou estilísticos com linguísticos quantitativamente, possibilitando objetividade na análise dos dados.

A Teoria da Acomodação ((GILES et al, 1973); (GILES, 1977), (GILES et al, 2010 [1991]) defende a existência de fatores convergentes e divergentes para acomodação da fala nas relações interpessoais e intergrupais, envolvendo aspectos de poder e solidariedade. Vale acrescentar que esta acomodação ocorre quando línguas ou dialetos entram em contato contínuo com falares distintos, ou seja, falantes estrangeiros (imigrantes) ou falantes de regiões/locais diferentes de um mesmo país, passam a conviver com situações socioeconômica, geográfica, cultural e linguísticas diferenciadas de sua origem.

As atitudes linguísticas ((LAMBERT, 1967; (GILES et al, 2010 [1991]; (FERNÁNDEZ, 1998); (COUPLAND, 2007)) são aspectos psicossociais expressados pelo falante, negativa ou positivamente, indicando quais os fatores convergentes ou divergentes que contribuirão ou retardarão o processo da acomodação dialetal.

Diante disso, desenvolver um estudo pesquisando os fenômenos sociolinguísticos em uma situação inversa, ou seja, de paulistas vivendo no Nordeste, passa a ser importante para tentar compreender o que subjaz nos processos de acomodação dialetal.

Esta pesquisa assume objetivos relativos à análise fonética dos segmentos emitidos por paulistas que estão vivendo em João Pessoa na Paraíba, com tempo de exposição acima de um ano. Desta forma, estabelece-se o problema do estudo: o contato do dialeto paulista com o falar pessoense. Além dos objetivos geral e específicos a seguir.

Objetivo geral:

- ✓ Avaliar a existência ou não do processo de acomodação no contato dialetal de paulistas com pessoenses.

Objetivos específicos:

- ✓ Analisar as variáveis linguísticas e sociais que influenciarão na acomodação do dialeto paulista ao pessoense;
- ✓ Correlacionar os resultados da variável estilística com a variável dependente e variáveis sociais;

- ✓ Descrever as atitudes linguísticas dos falantes que apresentam acomodação ao fenômeno da palatalização;
- ✓ Relacionar as atitudes linguísticas com os resultados quantitativos mais relevantes.

Para alcançar os objetivos descritos, apresentaremos os questionamentos a seguir, que originaram as hipóteses norteadoras da pesquisa.

- ✓ O fator estilístico está relacionado com a acomodação dos segmentos analisados?

Hipótese: Partiu-se da hipótese de que o estilo de fala coletada poderia influenciar nos resultados da acomodação do falante paulista à variante paraibana, devido às situações de maior e menor monitoramento. No entanto, por concordar com Fernández (1998, p. 95) que “as variedades estilísticas são apenas uma projeção das variedades sociolinguísticas”, acredita-se em resultados com significativa influência das variáveis sociais e não das estilísticas, para a acomodação do fenômeno estudado, como defende a Teoria da Acomodação (ver capítulo 2).

- ✓ Quais fatores sociais estarão envolvidos com a acomodação dos segmentos analisados?

Hipótese: Inferimos que todos os fatores sociais estarão envolvidos em uma escala gradativa. Os fatores idade, tempo de exposição e naturalidade dos pais estariam, portanto, influenciando a acomodação linguística. Para a naturalidade dos pais, temos que as impressões, experiências e concepções paterna e materna estarão vinculadas às ações de cada falante, representando dessa forma uma hierarquia de concepções, preconceitos sobre o outro, a qual é passada pelas gerações (APPADURAI, 2001). Para a idade, de acordo com Tarallo (2005), os mais jovens são mais propícios às mudanças, devido à necessidade de inserção em grupos sociais, acadêmicos, escolares ou no mercado de trabalho. Além do mais, acreditamos que o tempo que o falante está exposto quando comparado ao fator idade apontará relevância no resultado da acomodação, ou seja, quanto mais jovem e mais tempo de exposição, haverá maior possibilidade de convergência do dialeto paulista ao pessoense.

- ✓ Qual a significância da atitude linguística do falante paulista para a acomodação ao fenômeno da palatalização?

Hipótese: Como afirma Fernández (1998, p. 185), “as atitudes são formadas por comportamento, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço”. São, portanto, subjetivas e individuais. Desta maneira, inferimos que as atitudes linguísticas favorecerão ou determinarão o processo de acomodação à palatalização, devido à influência entre poder e solidariedade nas relações entre o falante paulista com o grupo de pessoenses em convívio. Lançamos a hipótese, portanto, de que a atitude linguística de cada falante refletirá na acomodação do fenômeno estudado em contato com o dialeto pessoense.

Nessa perspectiva, pretende-se contribuir com o estudo de segmentos que são quase categóricos nos falantes paulistas em contato dialetal com paraibanos, fato que nos parece importante para registrar os aspectos sociolinguísticos que estarão envolvidos na variação fonética.

Para tanto, o *primeiro capítulo* dissertará sobre o objeto de estudo, pretendendo apresentar um panorama geral através de uma revisão de literatura do fenômeno, utilizando as contribuições primeiramente de Câmara Jr. (2006) e Callou e Leite (2010), apresentando as características fonéticas dos fones [s], [ʃ], [z] e [ʒ], além de caracterizá-los regionalmente entre São Paulo e Paraíba.

O *segundo capítulo* apresenta a fundamentação teórica que sustenta a pesquisa, como a Teoria da Variação Linguística (LABOV, (1983) [1972]; LABOV et al., (2006) [1968] e (2008) [1972]), seguido da Teoria da Acomodação, embasada em (GILES et al, (1973); GILES, (1977) e GILES et al, (2010) [1991]) e finalizado com ((LAMBERT, 1967; (GILES et al, 2010 [1991]; (FERNÁNDEZ, 1998); (COUPLAND, 2007) e (GILES et al, 2010 [1991])), que abordam assuntos pertinentes relacionados à acomodação e à atitude linguística.

No *terceiro capítulo*, a metodologia, mostrando todos os passos, o perfil dos falantes da pesquisa, bem como os critérios e dificuldades contornadas.

Para o *quarto capítulo*, a análise e discussão dos dados encontrados, apresentando os resultados e as discussões teóricas, além de apontamentos empíricos realizados pela autora da pesquisa.

Posteriormente, têm-se as *considerações finais*, apresentando as inferências sobre a pesquisa e sugestões para o desenvolvimento de outros estudos.

A seguir, a propósito do objeto de estudo, será apresentada uma revisão da literatura sobre as questões segmentais fônicas das regiões Sudeste e Nordeste, historiando as questões de prestígio, além de apontar os aspectos característicos articulatórios e acústicos dos segmentos estudados.

CAPÍTULO 1- Objeto de Estudo

A seção do objeto de estudo pretende revisar os trabalhos que abordam a posição silábica em coda com as fricativas coronais em coda medial diante de /t/ e /d/, bem como caracterizá-las acústica e dialetalmente nas variações em São Paulo e João Pessoa.

1.1 A estruturação silábica: fricativas em coda medial

A variação linguística ocorre sistemática e regularmente. Portanto, torna-se imprescindível estudar a estruturação silábica para compreender quais regras possibilitam a variação das fricativas alveolares em coda medial antes das oclusivas dentais /t/ e /d/.

Segundo Câmara Jr. (1973, p. 26) e (2006), o PB é caracterizado em sua estruturação silábica por um núcleo (vogais) e pela presença ou não de margens (consoantes), ou seja, a sílaba é determinada pela existência de uma vogal plena.

Desta maneira, o autor afirma que a sílaba completa é formada por um aclave, um ápice e um declive resultante da força expiratória e dos articuladores que emitem segmento após segmento.

Câmara Jr. (1973) apresenta três tipos básicos de estruturas silábicas: V = sílaba simples formada apenas por som vocálico; CV= sílaba complexa, mas aberta formada por som consonantal e vocálico; VC= sílaba fechada ou travada, formada por um som vocálico seguido de uma consoante, e CVC= sendo a sílaba completa formada por consoante, vogal, consoante. Vejamos o exemplo a seguir:

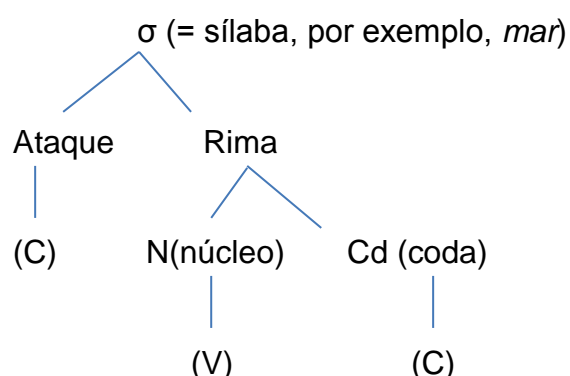


Bisol (1999), em seu estudo sobre a sílaba e seus constituintes, defende a ideia da importância da estruturação interna da sílaba no campo da prosódia, fazendo a relação entre a sílaba e o acento. No entanto, menciona a concepção

convencional, corroborando e complementando Câmara Jr., ao afirmar que esses constituintes silábicos são conhecidos por ataque e rima, diante das estruturas básicas já mencionadas e das originadas dessas, sendo mais complexas, como ocorre em CCV, VCC e CCVCC.

Reproduzindo o modelo silábico por Bisol (1999, p. 702) constata-se que:

Numa sílaba completa, como na palavra “mar” exemplificada no esquema abaixo, o segmento [m] funciona como ataque, enquanto que os segmentos finais [ar] exercem o papel da rima, a qual se divide em núcleo, representado pela vogal, e em coda, representado pela consoante [r].



Após explanação panorâmica sobre a estrutura silábica, serão apresentadas as restrições impostas pela sílaba no fenômeno aqui estudado.

Segundo Silva (2009, p. 164), no português do Brasil só existem possibilidades de coda diante das restrições impostas às consoantes posvocálicas, reproduzidas a seguir:

Seguindo a estrutura C1C2VV'C3C4

- a. A ocorrência de C3 e/ou C4 é opcional.
- b. Quando C3 ocorre, esta consoante deve ser um dos segmentos: /S/, /R/, /l/, /N/. Geralmente apenas uma consoante- ou seja C3- é permitida em posição posvocálica em português.
- c. Quando C4 ocorre, esta consoante deve ser /S/ e o segmento correspondente à consoante C3 será um dos segmentos: /l/, /R/, /N/.

O interesse, portanto, recai sobre os fonemas /s/ e /z/ e suas variantes [ʃ] e [ʒ] em posição posvocálica, ou seja, em situação de coda nos casos simples (CVC'CV) e nos casos mais complexos (VCC'CV... e CVCC'CC...). Pode-se conferir os seguintes exemplos, respectivamente: “pa[s]ta” ou “paʃta”, “de[z]de” ou “de[ʒ]de”; “in[s]tituição” ou “in[ʃ]tituição”; e “con[s]trução” ou “con[ʃ]trução”.

Segundo Ashby e Maidment (2007), as fricativas são sons que se caracterizam por alguma constrição na cavidade intra-oral, sendo produzidos com uma abertura estreita dos articuladores ativos em cima dos passivos, com o ar direcionado centralmente (no caso das fricativas [s, z, ʃ, ʒ]) ou lateralmente (no caso das fricativas lábio-dentais [f, v]).

O inventário fonético classifica como fricativas os fones [s, z, ʃ, ʒ, f, v, X, ʁ, h, ã] (RIBEIRO, 2006 e SILVA, 2009), sendo alvo de variação no PB as fricativas línguo-alveolares [s, z] e as línguo-palatais [ʃ, ʒ], bem como as velares e glotais. No entanto, como já referido neste trabalho, o objetivo está direcionado para os fonemas /s/ e /z/ e suas variantes [ʃ] e [ʒ].

Callou e Leite (2009, p.57) afirmam que essas fricativas em final de sílaba seguem uma regra de variação dialetal, manifestando-se como [s] ou [ʃ] surdos antes de consoante surda, como em “pa[s]ta” ou “pa[ʃ]ta”, bem como, [z] ou [ʒ] sonoros antes de consoante sonora, como ocorre em “me[z]mo” ou “me[ʒ]mo” e “de[z]de” ou “de[ʒ]de”. As autoras enfatizam que “diante de consoante não há mais o contraste surdo/sonoro, alveolar/palatal, sendo a ocorrência do vozeamento determinada pela qualidade surda ou sonora da consoante seguinte e a palatalização dependente do dialeto”.

Macedo (2004), em sua dissertação de mestrado intitulada *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*, fez um apurado sobre o fenômeno da palatalização no Brasil considerando todas as situações de palatalização das fricativas, além da aspiração e neutralização. Para este estudo nos interessou apenas os dados sobre a palatalização, sendo constatado que em situação posvocálica medial há maior possibilidade de palatalização dos fones [s, z] antes dos fonemas /t/ e /d/.

Com relação a esse fenômeno nos falares paulista e pessoense, percebe-se que ambos apresentam-se quase categóricos, ou seja, a produção dos paulistas é línguo-alveolar antes das oclusivas [t, d], segundo Elia (1976) citada por Priston (2007, p. 149) e Câmara Jr. (2006, p. 93), enquanto que os pessoenses palatalizam,

como apresentam Hora, Pedrosa e Cardoso (2010, p. 75), na pronúncia em ca[ʃ]ta. Logo, temos as pronúncias exemplificadas a seguir.

Fricativas [s,z] e [ʃ,ʒ] antes das oclusivas dentais /t,d/

Dialeto paulista	Dialeto pessoense
pauli[s]ta,	pauli[ʃ]ta,
fe[s]ta,	fe[ʃ]ta,
ami[s]tosos	ami[ʃ]tosos
cienti[s]ta	cienti[ʃ]ta
de[z]denhar	de[ʒ]denhar
de[z]de	de[ʒ]de
e[z]drúxulas	e[ʒ]drúxulas

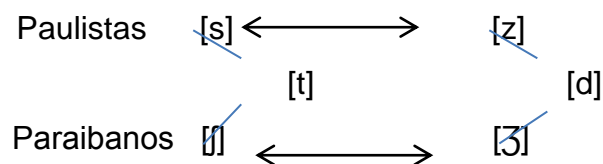
Caracterizando o falar do Sudeste, Elia (1976) citada por Priston (2007, p.149), menciona os falares de São Paulo, os quais possuem traços que os identificam como paulistas do interior e da capital. Exemplifica com o fonema /s/, afirmando que este se apresenta sempre sibilante (surdo). Acrescenta que este som é “oriundo provavelmente da antiga pronúncia na cidade de Trás-os-Montes, e presente nos paulistas do interior e da capital”- como no exemplo apresentado: ca[s]tigo.

Câmara Jr. (2006, p. 93) caracteriza o falar carioca e corrobora com Elia (1976) apud Priston (2007) sobre o falar de São Paulo, afirmando:

Que na área do Rio de Janeiro a pronúncia do fonema chiante /ʃ/ coincide com a maior parte do Brasil e do português europeu. Já o fonema /s/ sibilante aparece tipicamente em São Paulo (sudeste) diante de pausa ou de consoante surda inicial [...] Diante de consoante sonora inicial, sem intervenção de pausa, aparece o fonema sonoro /z/ [...]

Logo, o falar de São Paulo parece ser em sua maior parte categórico nas pronúncias das fricativas alveolares surda [s] e sonora [z] diante das oclusivas dentais /t,d/.

Compreende-se desta maneira, que as variantes compartilhadas pela comunidade de fala seguirá essa harmonização entre os pares mínimos /s,z/ para /t,d/ e opostamente /ʃ,ʒ/ para /t,d/ como no esquema abaixo:



Para analisar a variação do dialeto paulista em contato com o pessoense em segmentos fônicos, recorreu-se ao campo da Fonética articulatória, perceptiva e acústica.

Compreender do ponto de vista acústico o fenômeno estudado, contribuirá com a complementação dos dados articulatórios e perceptivos, caracterizando a identificação e diferenciação dos segmentos consonânticos no espectrograma.

Assim, temos, segundo Isller (2006), que as consoantes fricativas podem ser reconhecidas como ruídos de alta frequência no espectrograma, sendo caracterizadas como sons aperiódicos e contínuos. Isller (2006, p. 91) ainda afirma que “o ruído /s-z/ se dá a mais de 4.000Hz e o de /ʃ,ʒ/ a mais ou menos 2.500 Hz”.

Esses dados acústicos podem ser observados nos espectrogramas a seguir segundo Behlau e Russo (1993, p. 44-45):

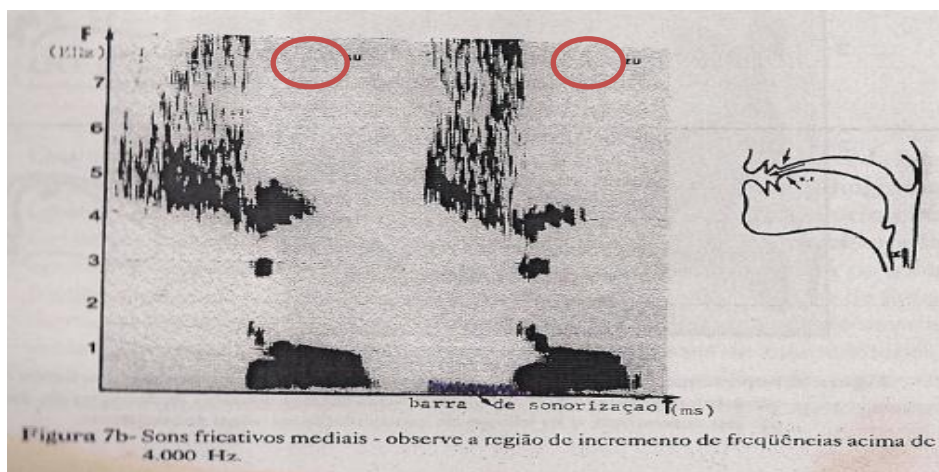


Figura 1- Fricativas [s] e [z] diante da vogal /u/ segundo Behlau e Russo (1993)

A figura 1, com imagem acústica das fricativas [s,z] apresenta os fones [s] e [z] fortes e de alta frequência, porém a consoante fricativa surda [s] não apresenta barra de sonorização, enquanto que a consoante fricativa sonora [z] apresenta.

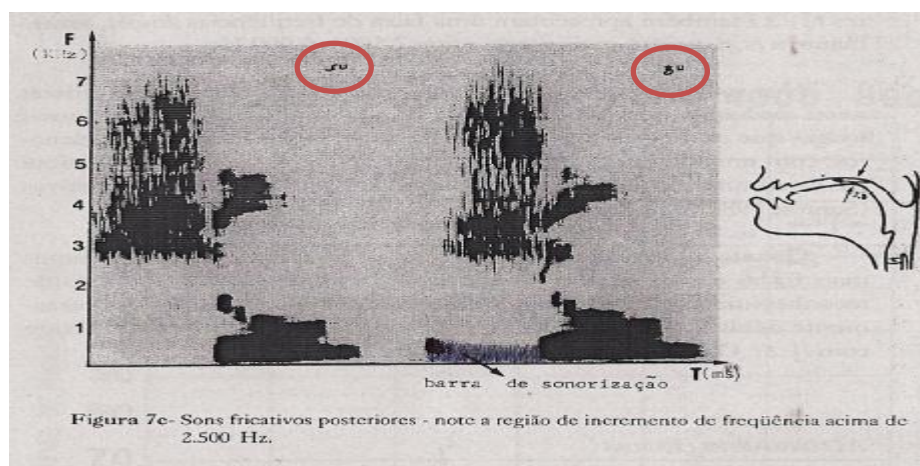


Figura 2- Fricativas [ʃ] e [ʒ] diante da vogal /u/ segundo Behlau e Russo (1993)

A figura 2 apresenta os traços acústicos que caracterizam as fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] seguidas de vogal, apontando que esses segmentos fônicos possuem frequência mais baixa quando comparados aos fones da figura 1 ([s] e [z]). E por ser o primeiro segmento [ʃ] surdo, não apresenta barra de sonorização, enquanto que o segundo [ʒ], apresenta por ser sonoro.

Essas características acústicas são importantes, pois servem de pistas para sua detecção e identificação, facilitando e objetivando os dados da análise de oitiva.

São resultados de estudos de paraibanos vivendo em São Paulo e no Rio de Janeiro (MARTINS, 2008) que apontam que o nível de escolaridade, os juízos de valor, ou seja, as questões que rodeiam a concepção de prestígio e estigma de falantes de regiões em melhor situação socioeconômica, que podem influenciar na assimilação mais acelerada de traços do falar em contato.

Acredita-se ao seguir esse raciocínio, que os paulistas em contato dialetal com o falar paraibano apresentarão atitudes linguísticas de resistência em acomodar-se, devido à necessidade de manter os traços que o identificam como paulista, garantindo um “pseudo-status” ou solidariedade com suas características do local de origem.

Espera-se, com as argumentações acerca do fenômeno estudado, justificar este estudo experimental com suas limitações e finais inferências, as quais servirão de base para outras pesquisas. Logo, entraremos no Capítulo 2 do trabalho, ecoando os autores da Teoria Variacionista ((LABOV, 1983 [1972]; (LABOV et al, 2006 [1968]); (LABOV, 2008 [1972]), da Teoria da Acomodação ((GILES et al, 1973); (GILES, 1977), (GILES et al, 2010 [1991])), e atitude linguística ((LAMBERT, 1967;

(GILES et al, 2010 [1991]; (FERNÁNDEZ, 1998); (COUPLAND, 2007) e (GILES et al, 2010 [1991])), os quais incidirão luzes para fundamentar esta pesquisa.

CAPÍTULO 2- VARIAÇÃO, ACOMODAÇÃO E ATITUDE

Para compreender melhor este estudo serão abordadas as teorias e concepções que fundamentarão a pesquisa, reportando à Sociolinguística Variacionista e a alguns aspectos da sociolinguística interacionista, por fundamentarem sobre a diversidade dos falares e quanto aos procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados.

Em seguida, a Teoria da Acomodação, a qual é primordial para este estudo por embasar, direcionar e explicar a relação de fatores (convergentes e ou divergentes) que contribuirão para acomodação dialetal.

Complementa-se à Teoria da Acomodação uma reflexão antropológica sobre o poder e a fala, por acharmos importante esse resgate histórico, que a nosso ver, segue influenciando nas atitudes dos falantes através das questões de prestígio.

Por fim, serão abordadas as atitudes linguísticas, etapa imprescindível para entendimento do entrelaçamento dos aspectos sociais (questões de poder) e psicológicos com os linguísticos.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO

Existem três vertentes da Sociolinguística: a Sociolinguística Variacionista de Labov, a Interacionista de Gumperz e a Etnografia da Comunicação de Hymes (DUCROT; SCHAEFFER, 1972, [1995]).

O foco principal aqui versará sobre a Sociolinguística Variacionista e tomaremos algumas contribuições relevantes da Sociolinguística Interacionista.

A Sociolinguística em geral significa a inter-relação entre língua e sociedade, ou seja, são os usos diversos realizados pelas comunidades de fala. São aspectos sociais influenciando nas mudanças da língua, sejam elas fonético-fonológicas, semânticas, morfo-sintáticas, etc.

A Sociolinguística Variacionista provou, com os estudos quantitativos realizados por Labov, que a língua, na verdade, não é um “caos”, pois suas mudanças têm sistematicidade, organização e explicação quando se verifica e correlaciona fatores como sexo, idade e profissão, como afirma Faraco (1991).

A Teoria da Variação define em seu método de coleta dos dados premissas que devem ser seguidas para se obter dados fidedignos. Tarallo (2005) explica que, em um estudo sociolinguístico, o pesquisador deverá coletar a fala

controlando as variáveis estipuladas e para isso poderá estimular o falante para tal procedimento (entrevista sociolinguística).

Tarallo (2005, p. 21-22) orienta que a entrevista sociolinguística tem o propósito:

De minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados [...] através de um roteiro de perguntas, o qual objetiva homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal [...] A palavra língua deverá ser evitada [...], pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar [...] por isso, são explorados tópicos a respeito da história do falante, sobre risco de vida, namoro, casamento, entre outros.

Desta maneira, foi com as contribuições de Labov, por volta dos anos 1960 e 1970, que as pesquisas sociolinguísticas tornaram-se mais reconhecidas e valorizadas, pois os resultados estatísticos provaram a organização e sistematização das variações linguísticas condicionadas aos fatores sociais. Por isso, toda pesquisa Sociolinguística Quantitativa necessita de cálculos estatísticos.

A Sociolinguística era uma área que apresentava apenas dados qualitativos e subjetivos e, por isso, a Sociolinguística Variacionista teve seu reconhecimento e credibilidade devido aos resultados que comprovavam a mudança objetivamente. Assim explica Fernández (1998, p. 318), sobre o método variacionista:

O método variacionista procura a probabilidade matemática de traços linguísticos mediante situações linguísticas, sociológicas e contextuais específicas. É a partir da frequência dos dados recorrentes em um grupo de falantes, que se cria um modelo teórico formado pelas probabilidades, do qual se encontra os fenômenos que concorreram em diversas circunstâncias. A estatística se encarrega de precisar até que ponto as probabilidades calculadas são verdadeiras e quais são as circunstâncias que, ao ocorrerem simultaneamente, podem explicar melhor um feito linguístico.

Antecedendo a essa etapa estatística deve-se, então, definir numa pesquisa Sociolinguística, as variáveis linguísticas e suas variantes, bem como as variáveis sociais. Como afirma Tarallo (2005, p. 8) “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Para um conjunto de variantes dá-se o nome de

variável linguística”. O mesmo ocorre com as variáveis sociais, que, de acordo com Mollica (2004, p. 27), “as variáveis, tanto linguísticas quanto as não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”.

Mollica (2004) levanta questões bastante discutidas recentemente com relação às variáveis sociais, afirmando que não há só o sexo, o nível de escolaridade, a idade, e sim, outros aspectos sociais que podem interferir na comunidade de fala. Fato motivador para inserção, nesta pesquisa, de variáveis sociais pouco pesquisadas, como a naturalidade dos pais e o tempo de exposição.

É o que corrobora Mollica (2004, p. 29) quando afirma que “as evidências estatísticas [...] sugerem que renda, valor de mercado, mídia e sensibilidade linguística, conjuntamente com outros parâmetros, podem ser bons indicadores sociais”.

Além do mais, a Sociolinguística, por conceber que a fala é heterogênea, ou seja, que a fala é resultado do enlace social com linguístico, deverá, mesmo num estudo variacionista, considerar aspectos interacionais, os quais revelam a importância da identidade e da aculturação.

A identidade para Dubar (1991) é construída e reconstruída por toda a vida sendo resultado de reflexões individuais e de interações coletivas, de trocas de experiências.

A respeito da aculturação, Chianca (2010) advoga, que ao contrário do que se pensa, ela ocorre quando há absorção de traços característicos do outro, sendo possível através do contato entre diferentes grupos de forma contínua e duradoura.

Por isso, pode-se numa pesquisa Sociolinguística acrescentar uma entrevista direcionada apenas para a percepção do falante, objetivando analisar aspectos relacionados à sua identidade (atitude linguística diante das construções e reconstruções em desenvolvimento), bem como, verificar traços que apontem aculturação, os quais poderão ser revelados em segmentos fonéticos, em expressões, na entonação, nos gestos.

Esses aspectos podem, dependendo do tempo de exposição do falante e de sua atitude linguística (concepção de prestígio sócio-político-econômico e cultural), aparecer primeiramente em expressões locais, ou na entonação, ênfases, intensidade vocal dadas na fala e/ou nos segmentos consonantais, de vogais, dentre outros, característicos do local em que vive.

Após breve explanação a respeito da Sociolinguística e Teoria Variacionista, será abordada a Teoria da Acomodação, a qual é parte imprescindível para esta pesquisa.

2.2 TEORIA DA ACOMODAÇÃO (TA)

Os estudos de Labov conseguiram objetivar os resultados sociolinguísticos através da análise quantitativa, provando que a língua é heterogênea, porém não aleatória, ou seja, é organizada. No entanto, suas pesquisas não conseguiam explicar a acomodação percebida por falantes em contato dialetal, sendo desta maneira o legado de Howard Giles (1973); (1977) e Giles et al (2010) com a criação da Teoria da Acomodação, bem como as contribuições por outros estudiosos, destacando-se Trudgill (1986).

A Teoria da Acomodação da fala (*Speech Accommodation Theory - SAT*) teve suas primeiras publicações em 1973, a qual criticava alguns aspectos da Teoria Laboviana. Segundo Giles (1973) e Giles et al. (2010, [1991], p. 5), Labov (1972) em seu estudo inicial revelou que a fala acompanha graus de formalidade e informalidade a depender do estilo que é coletada.

Giles, então, afirmou que esse resultado pode ser em parte reinterpretado, pois na verdade pode ter apresentado influência do processo de acomodação das relações entre entrevistador e entrevistado. Advogou, desta maneira, que pode ter sido o contexto utilizado (risco de morte, por exemplo) na entrevista com o entrevistado que influenciou o aparecimento da variação fonológica prestigiada.

Em outras palavras, para Giles (1973) o entrevistador e o entrevistado assumem um papel particular na formulação, recepção e reformulação da mensagem, a qual apresentará os traços sociais, psicológicos, comunicativos e linguísticos.

Concebe-se que, na verdade, a Teoria da Acomodação complementa a Teoria da Variação, quando apresenta que questões formuladas direcionadas ao entrevistado podem revelar atitudes que explicarão a variação na fala, quanto ao estilo e quanto às entrelinhas dispostas no contexto da entrevista e na resposta do entrevistado.

Giles, Taylor, and Bourhis (1973) citado por Giles (2010, [1991]) realizaram um estudo empírico em Montreal no Canadá diante da situação de

bilinguismo (inglês e francês) e confirmaram alguns aspectos problematizados. Eles perceberam que os canadenses de Montreal se esforçavam mais para responder aos questionamentos da entrevista em francês do que em inglês.

Ao se aprofundarem neste estudo, bem como, em outros, com o apoio de autores como Ball e Hewstone (1985) e Coupland e Gallois (1988) citados por Giles (2010, [1991]), descobriram que existem motivações que originam aspectos cognitivos e afetivos como processos fundamentais para convergência ou divergência da fala.

No decorrer dos estudos, e consecutivamente do tempo, Giles e seus colaboradores perceberam que são vários os fatores que interferem na acomodação da fala diante de variadas situações (bilinguismo, contato dialetal).

Para poder explorar os aspectos não verbais, tiveram que ampliar a teoria, a qual passou de *Speech Accommodation Theory (SAT)*, para chamar-se *Communication Accommodation Theory (CAT)*, o que favoreceu a análise do comportamento comunicativo “linguístico-prosódico-não-verbal”.

Esta mudança de SAT para CAT contribuiu com variadas possibilidades de pesquisa, sendo reconhecida cientificamente até os dias atuais.

Outrossim, segundo Fasold (1984, pp. 160-161), Giles acreditava que nas pesquisas haveria evidências, pistas fornecidas através da identidade de grupos de falantes que dependiam de aspectos que convergiam e divergiam para acomodação do falar do sujeito a outra língua ou a outro dialeto.

Desta maneira, Giles (1973) introduziu as noções de convergência e divergência. Esclareceu essas noções afirmando que a convergência é um termo utilizado para explicar uma habilidade individual de aceitar e reproduzir traços do falar do outro, enquanto que a divergência expressa separação, ou seja, não aceita, mesmo que inconscientemente (devido a sua identidade e atitude linguística) o falar do outro.

A convergência e divergência são funções que unem e separam, são fenômenos da sociedade que só ocorrem durante a conversação, durante o contato dialetal e dependem de cada indivíduo. Portanto, Fasold (1984, p. 161) refere-se à explicação de Garvin e Mathiot (1956) que corroboram as funções de Giles, afirmando, que embora:

Um paraguaio tenha fortes sentimentos sobre o valor do patriotismo acerca do falar Guaraní como uma força que unifica sua comunidade de fala separando-os de outros americanos latinos, poderá acomodar-se ao

espanhol de um país vizinho variando o espanhol em uma determinada conversação.

Esse exemplo indica, que a convergência ou divergência ao falar do outro, ocorrerá diante da aceitação ou resistência do falante por meio de vários contextos emocionais que envolvem sua história de vida. Logo, é relativa à questão sobre a não aceitação a um dialeto considerado estigmatizado, ou seja, a acomodação é sempre alvo de renegociação pelos falantes.

Honey (1997, pp. 101-102) se contrapõe a Fasold (1984) quando afirma que a convergência e divergência para ocorrência ou não da acomodação está relacionada à motivação diante de acentos/sotaques-padrão (considerados de prestígio pela sociedade), os quais exercem função de poder político e econômico, estigmatizando o falar considerado não- padrão como uma comunidade de baixa renda e classe social.

No entanto, como comentado em Fasold (1984), essa ligação entre fala não-padrão com renda e classe social baixa, é relativa, pois existem sujeitos localizados em um lugar considerado de prestígio, porém de renda e classe social baixa.

Esta situação em que pessoas de classe e renda baixa se encontram em um lugar considerado de prestígio, leva a tentativas de aproximação e aceitação pelo grupo em interação, devido às necessidades socioeconômicas ou afetivas. Os sujeitos passam, então, a apresentar traços comportamentais e de fala do grupo hierarquizado, ou seja, convergem ao dialeto em contato.

Outra situação contradiz esta anterior, a qual pode o falante assumir suas características originais não importando as pressões sociais, ou seja, há uma autoafirmação de sua identidade através da fala, levando-o a divergir da fala mais prestigiada.

A convergência e divergência são fatores essenciais na Teoria da Acomodação, e é imprescindível mencionar, que fatores emocionais positivos e negativos não serão necessariamente convergentes e divergentes. Portanto, fatores negativos podem ser convergentes à variação.

Como afirma Giles et al (2010, [1991], p. 11) “tanto a convergência quanto a divergência podem ser positivas ou negativas [...]” por estarem ligadas a questões emocionais. “A convergência se refere a uma mudança em direção a uma variedade

de prestígio, enquanto a divergência, a formas mais estigmatizadas ou menos valorizadas socialmente”.

Em estudo sobre línguas de contato, também à luz da Teoria da Acomodação, Marques (2006, p.58) complementa que:

A acomodação pode ocorrer também entre sotaques que diferem de regional mais do que socialmente e pode ocorrer tanto em nível de longa duração (*long-term*) como em nível de curta duração (*short-term*). Nos contatos de longa duração, quem se acomoda a quem é menos problemático, visto que, na maioria dos casos onde esse fenômeno está ocorrendo, lida-se com contato entre falantes de diferentes variedades regionais e com indivíduos regionalmente móveis ou grupos de minorias que se acomodam, no *long-term*, há uma maioria não móvel. O problema então é determinar como os falantes se acomodam, a extensão e por que algumas situações e alguns indivíduos produzem mais, ou tipos diferentes de acomodação do que outros. Sendo assim, a acomodação de longa duração é de considerável interesse para o linguista.

Honey (1997, 99-100) expõe resultados de estudos realizados por Giles no Canadá/França e Inglaterra, afirmando que essas pesquisas objetivavam desenvolver uma técnica para examinar a avaliação social dos diferentes acentos que um idioma é produzido, além de explorar as diferentes reações dos falantes franceses e ingleses. Eles pediam para que os falantes escutassem uma lista de palavras emitidas por determinado falante (de dialeto francês da França/ou francês do Canadá ou do Inglês britânico/ou Inglês Canadense) e pediam para que julgassem a fala desses.

Apesar desse método apresentar limitações (qualidade da gravação e a subjetividade que é a percepção do ouvinte), os resultados revelaram o aspecto da informalidade e o de prestígio sobre o dialeto padrão (dominador britânico e francês europeu) e estigmatizado sobre o dialeto considerado não padrão (dominado inglês e francês canadense) diferenciando os falares sobre o julgamento dos britânicos e franceses.

Já os estudos de Trudgill (1974) mostraram a importância de pesquisas na fala em Norwich, o qual analisou comparativamente a fala rural em contato com a urbana, sendo considerada aqui como a fala de oradores do proletariado x aos dos falantes de classe média. Registrou-se que os dados foram marcados pelo uso habitual de diferentes colocações vocais nas vogais estudadas, como frequência e intensidade, língua mais abaixada, laringe mais elevada, um tipo particular de

nasalidade e um grau global relativamente alto de tensão muscular ao longo da laringe (LAVER; TRUDGILL, 1979, p. 15) e (TRUDGILL, 1998).

Trudgill (1998) explica que esse trabalho em Norwich sobre contato dialetal mostrou que ao longo da mistura de um dialeto com outro é comum à formação de um novo dialeto e dessa mistura resultar apenas uma variante do segmento fonético estudado. Um exemplo fonológico disto é provido pelo fato que o dialeto de Norwich moderno tem três pronúncias variantes da vogal /u/ sendo diferentes as preferências no interior ao norte, leste e sul de Norwich em comparação com as utilizadas na zona urbana consideradas de mais prestígio.

A Teoria da Acomodação afirma que a convergência e divergência ao dialeto estão condicionadas a vários fatores sociais, e um desses fatores é a concepção de prestígio, bem como às atitudes do falante diante desta concepção.

A seguir dissertaremos a respeito das atitudes linguísticas relacionando-as a aspectos de poder e fala numa perspectiva antropológica.

2.3 ATITUDE LINGUÍSTICA

O Brasil em sua grandeza territorial possui várias faces/ variedades do português, o que reflete a diversidade das misturas de raça e o torna um país pluricultural por essência.

Entretanto, devido ao “mercado linguístico” como define Bourdieu (1985), o poder e o controle fazem as pessoas julgar o outro por diversos fatores sociais (atitudes) que o levam a um tipo de “obediência inconsciente” carregada de juízos de valor.

Assim, em 1967, Wallace Lambert, psicolinguista, publicou no *Journal of Social Issues*, um artigo que intitulou de “*A Social Psychology of Bilingualism*”, o qual relacionou a influência das questões sociais com as questões mentais/cognitivas no bilinguismo, concluindo que de fato o falante possui o que denominou de atitudes linguísticas que irão contribuir para uma melhor aceitação e proficiência às línguas aprendidas. Em seu resumo explica:

[...] To the linguistic's interest in the bilingual's competence with his two linguistic systems and the way the systems interact; and to the social anthropologist's concern with the socio-cultural settings of bilingualism and the role expectation involved [...]

O trabalho supracitado e seus levantamentos despertaram o interesse para o desenvolvimento de pesquisas não só com o bilinguismo, mas também com as atitudes linguísticas diante das variedades dialetais.

A atitude linguística para Fernández (1998, p. 179) “é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por estar centrada e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade [...]”.

Afirma que as atitudes podem ser negativas ou positivas, as quais se relacionam com a identidade do indivíduo. Esta identidade, que é construída e reconstruída fortemente por interesses socioeconômicos e afetivos é manifestada na fala, revelando atitudes que podem ser apreendidas no discurso.

Giles (1982) citado por Fernández (1998, p. 180) defende “que uma mesma variedade linguística pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas dependendo da valorização que se tem no grupo de fala [...]”. Complementa ainda “que as atitudes revelam preferências e convenções sociais relativas ao *status* e ao prestígio dos falantes”.

Molina (1998) citado por Aguilera (2008, p. 105) conclui em estudo realizado na Espanha que o interactante avalia o falar do outro a partir de três aspectos:

o componente ¹cognoscitivo [...], uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes, como crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade, etc.. O componente afetivo, sustentado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sobre determinados contextos e circunstâncias.

Esses três componentes demonstram que as atitudes linguísticas variam de acordo com a necessidade do falante conforme seu papel na comunidade, sendo ações subjetivas e variáveis. Desta maneira, a identidade cultural de seu lugar de origem passa a se entrelaçar ou se chocar com a nova realidade local.

Coupland (2007), em outras breves palavras, denomina as atitudes do falante em dois aspectos: o status e a solidariedade, os quais avaliam o outro diante das relações de poder que surgem contrastivamente.

¹ Cognoscitivo, o mesmo que cognitivo.

Conclui-se, desta maneira, que a acomodação da fala no sujeito em contato dialetal depende de todo o peso histórico da formação de sua língua, bem como, do significado dela para si, quando está diante de uma nova variedade linguística.

Portanto, diante das pesquisas sobre a atitude linguística, as considerações sempre apontam para os aspectos que envolvem o poder, o emocional e a consciência social e linguística do falante, fato que nos guiou para discorrer a seguir sobre poder e fala numa perspectiva antropológica.

2.3.1 Poder e fala

Compreende-se que o acento/sotaque tem motivos históricos (político-econômico-culturais), os quais, especificamente no Brasil, devido às invasões estrangeiras desde o ano de 1500, sofreu influências indígena, portuguesa, francesa, holandesa, italiana, alemã, dentre outras, resultando na diversidade linguística do PB.

Desta forma, de acordo com Amaral (1920); Nascente (1922) e Lisboa (1923) citados por Priston (2007, p.141-143) a comunicação tornava-se difícil no início da colonização brasileira. Foi quando os portugueses impuseram que apenas a língua portuguesa deveria ser falada e ensinada, proibindo os escravos negros ou indígenas de se expressarem em sua língua materna.

Mesmo assim, o contato dialetal com idiomas variados não foi evitado, havendo modificação do próprio português – ficando atualmente cada vez mais distante o português brasileiro do de Portugal. Esses estudiosos já mencionavam diferenças regionais diferenciando o “falar “caipira” do interior de São Paulo com o da capital, o falar do Norte com o do Nordeste e o do Sul com os *subfalares* (como menciona Nascente) baiano, fluminense, mineiro e sulista”. Logo, a grande diversidade linguística despertou o interesse de impor uma “pronúncia padrão brasileira”.

Priston (2007, p. 143), afirma que o primeiro passo, para essa pronúncia padrão foi realizado no “Primeiro Congresso da Língua Cantada, em São Paulo, em 1937, organizado por Mário de Andrade quando a pronúncia carioca foi considerada a mais perfeita do país” (a época era a capital brasileira).

A busca por uma pronúncia padrão foi sempre alvo da categoria considerada mais culta. Desta forma, São Paulo, por sua grande expansão

econômica vem sendo considerada no falar como uma variação de maior prestígio diante das demais regiões brasileiras (sobretudo a variante da capital de São Paulo, pois há estigmatização dos próprios paulistas da capital com os do interior).

Após um brevíssimo histórico, Cagliari (2002), confirma que a língua portuguesa é na verdade, um somatório de muitos subsistemas linguísticos, caracterizando as diferentes variedades da língua.

Chianca (1999, p.68) complementa, afirmando que “o sotaque desempenha uma função identificadora, permitindo reconhecer sociológica e culturalmente um sujeito falante”. Acrescenta que o sotaque é inerente à construção e reconstrução da identidade do indivíduo e que no Brasil devido à grande extensão territorial e de formação populacional distinta, os falares são diversos, podendo haver nos contatos interculturais trocas interessantes.

A formação regional/local é imprescindível para explicar as diferenças nos falares, nos costumes, na religião, na identidade de sujeitos. Essa situação pluricultural brasileira apresenta variações, pois “as inter-relações pedem inconscientemente uma abertura ao outro para trocas culturais – aculturação-” (CHIANCA, 1999, p. 67).

Os julgamentos sobre as questões sociais do outro envolvem fatos históricos que foram inseridos com violência, tonando-se com o passar do tempo uma estratégia imperceptível de dominância, e que hoje, naturalizadas, estão inerentes nas pessoas fazendo-as avaliar modelos europeus e americanos como padrões a serem seguidos.

Essa realidade faz da fala um aspecto importante para identificação dos fatores sociais de escolaridade, nível social, e se a pessoa se imagina pertencer a um lugar considerado de maior prestígio (locais com características europeias) ou de menor prestígio (locais com mais características africanas e/ou indígenas).

A história apresenta as invasões coloniais e a revolução industrial que resultaram no capitalismo, globalização, guerras, entre outros, como responsáveis por imposições que modificam pensares e comportamentos. Esses fatos históricos que passam pelos séculos, marcaram e ainda marcam os povos (grupos étnicos e sociais).

Assim, fomos pouco a pouco, nos tornando seres de hierarquia. De acordo com Lischette (2011) “até hoje somos seres de hierarquia, pois sempre há alguém que está no controle, seja no plano econômico ou político, tem sempre alguém falando por nós”.

Ser um ser de hierarquia além de significar que somos liderados, ou comandados por alguém, ou por algo, também implica dizer que seguimos um padrão que interfere na aprovação de avaliação do outro. Assim, já imbricado em nós, essa situação automatizada ocorre inconscientemente, pois não percebemos e nem conhecemos essas reflexões antropológicas.

As avaliações sobre cor, classificação social por níveis que nos faz julgar o outro tem toda uma história de dominação, de imposições, de controle. Como afirma Lander (2000) reproduzimos a economia, os costumes, a política, os conhecimentos, o ensino, a língua, ou seja, os conceitos da sociedade europeia e americana como verdade absoluta e do melhor a ser copiado.

Portanto, um indivíduo quando escuta a fala, somada aos traços físicos característicos identificáveis no outro, concomitantemente projeta uma imagem que induz questionamentos sobre a origem étnica, a nacionalidade, ou de que região e classe social pertence, bem como a escolaridade, etc. Percebe-se, desta maneira, que a fala se apresenta como uma prova quase inquestionável de um julgamento.

Como corrobora Bourdieu (1985), a língua é fabricada e posta como mercadoria, pois se torna o espelho da economia e da produção que impõe e difunde as mudanças culturais, tendo em vista a competitividade das variáveis regionais em meio ao poder, as classes dominantes e aos que comandam.

Diante dos fatos históricos de imposição e das tentativas de homogeneizar o que é heterogêneo para concentrar o poder nas mãos de poucos, em muitos lugares como no Brasil se compartilha um único código linguístico escrito e oral. No entanto, as diferenças culturais no Brasil manifestam falares diversos.

A variação regional, conforme a história local, a situação socioeconômica e cultural de cada falante favorece a mudanças na língua, quando em contato dialetal. Portanto, os fatores que vão contribuir para a acomodação ou não ao novo falar, poderão ser observados nas atitudes linguísticas de cada falante.

Após sucinta explanação sobre as Teorias que sustentam esta pesquisa, entraremos, a seguir, na metodologia do estudo.

CAPÍTULO 3- METODOLOGIA

Este capítulo visa apresentar todos os procedimentos utilizados para realização da pesquisa. Desta maneira, resolvemos *a priori*, descrever o perfil dos falantes da pesquisa, para posteriormente adentrarmos na metodologia propriamente dita, na qual foram delimitados: a tipologia da pesquisa e sua natureza, a definição das variáveis sociais e da variável estilística, a coleta dos dados, a formação do *corpus* e o método de coleta dos dados.

3.1 PERFIL DOS PAULISTAS EM CONTATO DIALETAL NA PARAÍBA

Participaram desta pesquisa 10 falantes paulistas, selecionados a partir dos seguintes critérios:

- ✓ ²Serem naturais de São Paulo;
- ✓ Estarem em João Pessoa há mais de um ano;
- ✓ Se enquadrarem em duas faixas etárias, de 19-25 e acima de 30 anos de idade;

Os paulistas desta pesquisa, em sua maioria, são filhos de nordestinos que sonhavam com um futuro melhor para a sua família e que retornaram para a região Nordeste em busca de uma qualidade de vida melhor na Paraíba.

Os falantes paulistas entrevistados são de diferentes lugares do Estado de São Paulo, apresentando histórias de vida distintas, bem como suas mudanças e necessidades adaptativas relacionadas ao meio em que está exposto.

Desta forma, torna-se imprescindível utilizar esse espaço para introduzir o perfil dos falantes, visto ser considerado o ponto de partida para análise dos segmentos fonéticos coletados no Capítulo 4 (capítulo da análise e discussão). O perfil dos falantes pôde ser esboçado a partir da ficha de caracterização do sujeito (Apêndice B).

A caracterização do perfil dos falantes foi resumida no quadro 1 a seguir, facilitando a identificação e descrição de cada falante. Detalhamentos sobre os falantes podem ser encontrados no quadro localizado nos apêndices (Apêndice F).

² Embora exista o falante 9, que foi considerado como paulista por ter chegado em São Paulo com menos de um ano de idade.

PERFIL DOS PAULISTAS EM JOÃO PESSOA					
Falantes	Sexo	Faixa etária	Localidade em São Paulo	Tempo de exposição	Naturalidade dos pais
1	F	19-25	Santo André	16 anos	Sudeste/Nordeste
2	F	19-25	Santo André	16 anos	Sudeste/Nordeste
3	F	19-25	SP cap.	4 anos	Nordeste
4	M	19-25	Taboão da Serra	15 anos	Sudeste/Nordeste
5	F	19-25	Santos	1 ano e 4 meses	Nordeste
6	F	Acima de 30	Barueri	10 anos	Nordeste
7	F	Acima de 30	Pederneiras	1ano e 4 meses	Sudeste
8	F	Acima de 30	Ilha Solteira	11 anos	Sudeste
9	M	Acima de 30	Santo André	16 anos	Nordeste
10	M	Acima de 30	São Paulo Capital	4 anos	Nordeste

Quadro 1: Resumo do perfil dos falantes paulistas em contato dialetal com pessoenses

Os falantes 1, 2 e 9 localizados no Quadro 1 receberam nesta pesquisa um olhar diferenciado, pois pertencem a mesma família e apresentam situações semelhantes, mas inversas com relação às migrações realizadas para São Paulo e de São Paulo a outros destinos.

Iniciemos pelo falante 9, que nasceu em Pernambuco, porém é considerado aqui como paulista, pois migrou de Pernambuco para São Paulo com menos de um ano de idade com seus pais pernambucanos e agricultores na década de (1960).

Essa migração nos anos (1960) se encaixa com a afirmação de Oliveira, Ervatti e O'Neill (2011), sobre um significativo deslocamento dos nordestinos em meados de 1960 a 1980 para cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

As falantes 1 e 2, filhas do falante 9, vivenciaram a experiência do retorno à região de origem de sua família. Chegaram à Paraíba com 3 e cinco anos de idade respectivamente.

Esses três falantes têm dezesseis anos de tempo de exposição ao dialeto paraibano, porém no período de férias de julho/agosto costumam passar todo o mês com os pais (falante 9), avós e tios (falantes 1 e 2) que continuam vivendo em São Paulo.

É interessante apresentar no mapa 1 a localização da cidade de Santo André, onde os falantes 1,2 e 9 viveram, e onde passam as férias. Também é possível observar as cidades paulistas de onde se originaram os outros informantes.



Fonte: www.sp.gov.br

Mapa 1: Municípios de São Paulo, Barueri, Taboão da Serra, Santo André e Santos

O falante três é natural de São Paulo capital (mapa 1) e está vivendo em João Pessoa com a genitora há quatro anos. Seu pai continua em São Paulo, mas retorna a João Pessoa pelo menos uma vez por ano. Filha de paraibanos de baixa escolaridade, veio à Paraíba para cursar *Marketing* e trabalhar; esses dois aspectos tornam-se importantes na convergência ou divergência ao dialeto paraibano, como veremos mais adiante.

Os falantes quatro e cinco são respectivamente naturais de Taboão da Serra (vive em João Pessoa há 15 anos) e de Santos. O falante cinco viveu três anos em João Pessoa, em seguida foi a São Paulo e já está na Paraíba há mais de um ano e quatro meses. Os pais do falante quatro são naturais de Natal no Rio Grande do Norte, enquanto o falante cinco tem mãe paraibana e pai paulista.

O falante seis e o falante dez são paulistas, respectivamente de Barueri (mapa 1) e com pais nordestinos.

A falante seis apresenta todo um histórico especial com relação ao seu dialeto, devido à produção fonética do “erre” no final de sílaba ser rotulada como caipira, ou seja, o “erre” retroflexo [R]. Essa falante veio para João Pessoa há dez anos e iniciou o contato dialetal no cursinho pré-vestibular e depois na faculdade de pedagogia.

Desta forma, mencionou ter sido vítima de preconceito por causa de seu dialeto nesses âmbitos, ocasionando sérios problemas emocionais. A mesma, em entrevista, afirmou haver treinado diante do espelho o fone [h] (erre aspirado) para perder o “erre” retroflexo”, fator que converge ao dialeto através de sua atitude linguística.

O falante dez, natural da cidade de São Paulo, capital está em João Pessoa há quatro anos, passou por outros Estados nordestinos, além de ter migrado para o Nordeste devido a oportunidades profissionais. Ele ocupa uma atividade que solicita alto nível de escolaridade (nível superior + pós-graduação), fato importante na convergência e divergência à acomodação ao dialeto paraibano, como veremos mais adiante.

Pode-se perceber que os falantes 6, 9 e 10 possuem quatro aspectos em comum: o primeiro de pertencerem aos municípios da Grande São Paulo, o segundo de serem filhos de pelo menos um genitor nordestino, o terceiro de que todos os pais nordestinos se deslocaram para São Paulo nesse período de 1960-1980, e o quarto que, em algum momento, todos acabaram retornando para o Nordeste, trazendo seus filhos.

As falantes sete e oito são respectivamente de Ilha Solteira (mapa 2) e de Pederneiras (mapa 3).



Fonte: www.sp.gov.br

Mapa 2: Município de Ilha Solteira a Noroeste do Estado de São Paulo, na divisa com o Mato Grosso do Sul.



Fonte: www.sp.gov.br

Mapa 3: Município de Pederneiras no Centro-Oeste

A falante sete (Mapa 3), natural do interior de São Paulo com pais paulistas está vivendo na Paraíba há mais de um ano e veio para o Nordeste com sua família nuclear (marido e filhos) em busca de melhoria de vida. Afirma identificar diferenças no seu falar com o dos paraibanos (amigos da vizinhança) e

que, esporadicamente, se surpreende, expressando vocábulos como “oxe”, por exemplo; mas com relação ao sotaque não acha que fala diferente, pois o fone [R] (erre retroflexo) continua sendo pronunciado como de costume. Sua situação se compara à saída dos nordestinos para São Paulo, visto ter saído de sua cidade natal para iniciar uma nova vida num lugar desconhecido.

A falante oito (Mapa 2), também natural do interior de São Paulo, tem pai mineiro e mãe paulista, veio para a Paraíba já com nível superior para se casar com paraibano e assim está aqui há onze anos. De acordo com sua entrevista, seus pais inicialmente não concordaram com sua mudança, argumentando características negativas estereotipadas sobre o Nordeste. Com relação ao seu sotaque, afirma que seus amigos paulistas se referem à sua fala como “totalmente paraibana”, porém enfatiza que seu fonema /R/ (erre retroflexo) não modificou.

Percebe-se com a breve descrição dos falantes nos quadros 1 e 2 que suas histórias e origens são distintas, além da percepção e reação individual a cada situação de contato dialetal. Igualmente, chama atenção que todos se refiram ao fonema /R/ como identificador de suas falas, demonstrando não perceber as diferenças categóricas dos fones [s,z] antes dos segmentos [t,d].

Com o intuito de situar os falantes da pesquisa, espera-se que a exposição antecipada de seus perfis, facilite a compreensão dos dados e resultados. Logo, será abordada na metodologia propriamente dita.

3.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi do tipo experimental e exploratória, devido ao *corpus* ter sido criado ou adaptado para garantir a coleta dos fenômenos propostos pelo estudo e analisar o condicionamento se presente ou não das variáveis independentes sobre as dependentes.

Como afirma Gil (2008), a pesquisa experimental é caracterizada pela manipulação das variáveis independentes e dependentes separadamente ou entre si, porém cristaliza os resultados, desta maneira, só a tipologia experimental não favoreceria esse trabalho.

Consecutivamente, agregou-se o tipo de pesquisa exploratória, que de acordo com Gomes (2004) e Gil (2008) caracteriza-se por ser inovadora, ou por haver poucos estudos na área, permitindo explorar todos os dados e suas respostas,

bem como introduzir dados pertinentes que não estejam necessariamente no *corpus*, mas que possam complementar a análise e conclusão da pesquisa.

A natureza da pesquisa é quantitativa e qualitativa, visto seu caráter objetivo (tratamento estatístico) e subjetivo (análise interpretativa). Sobre a natureza quantitativa, devido à orientação metodológica da Teoria da Variação, obter-se-á os dados por meio de um programa específico da área, o *GoldVarbX* (TAGLIAMONTE, 2006).

Sobre a natureza qualitativa, devido à análise das atitudes linguísticas dos falantes dependerem da interpretação do pesquisador, resultando em dados subjetivos, porém de grande importância, por complementar e confirmar os dados objetivos.

É imprescindível esclarecer que a pesquisa não foi realizada em nenhuma Instituição, pois para a Sociolinguística Variacionista a coleta da fala requer mais espontaneidade. Para tanto, as gravações devem ocorrer em um espaço que predisponha uma fala mais espontânea, representando conforto para o sujeito da pesquisa.

Portanto, das gravações que totalizaram em dez, nove ocorreram nas residências dos falantes, sendo apenas uma, devido ao desejo do sujeito da pesquisa, haver ocorrido na Sala do Projeto de Variação Linguística da Paraíba na Universidade Federal da Paraíba (VALPB-UFPB), favorecendo desta maneira, a coleta dos dados e a fidedignidade do estudo, bem como evitando transtornos aos falantes.

Observemos a definição das variáveis linguísticas dependentes e independentes a seguir.

3.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas relacionadas a fenômenos fonéticos ou fonológicos são as mais estudadas, pois segundo Fernández (1998) possuem traços que permitem analisar e averiguar de forma objetiva e fidedigna os fatores que implicam a aparição de determinada variante, a partir do peso relativo gerado pelo programa estatístico *GoldVarbX*.

As fricativas coronais em coda medial diante das oclusivas dentais foram eleitas, devido à realização quase categórica no falar paulista como fricativa alveolar,

segundo Câmara Jr. (2006), em oposição ao uso paraibano, o qual se caracteriza, por palatalizar essa fricativa alveolar, como afirmam Hora, Pedrosa e Cardoso (2010).

Callou e Leite (2009, p. 57) enfatizam que “dependendo do dialeto só ocorrem [s] ou [ʃ] quando se segue uma consoante surda (pa[s]ta ou pa[ʃ]ta)”. Afirmando ainda, que o mesmo ocorre quando se segue uma consoante sonora (me[z]mo, me[ʒ]mo, e[ʒ]drúxula, e[z]drúxula).

Assim, no quadro 2 a seguir, temos a variável linguística dependente estipulada e suas variantes (alofones):

Quadro 2 - Variável fricativa e variantes antes da oclusiva coronal dental surda /t/ e sonora /d/

Variável (fonema)	Variantes (alofones)	Oclusivas dentais
/S/	[s]	→ /t/
	[ʃ]	
	[z]	→ /d/
	[ʒ]	

3.4 VARIÁVEL ESTILÍSTICA

Esta variável controlada foi subdividida em estilo de leitura e de entrevistas, devido ao grau esperado de monitoramento, realizado pelo falante.

Labov (1983, [1972]) e Fernández (1998), advogam sobre a variável estilística, afirmando que existem níveis de graduação entre formalidade ou informalidade na fala, podendo uma entrevista com temas específicos (risco de morte, por exemplo) favorecer a uma fala mais espontânea e conseqüentemente mais informal, a qual propicia o surgimento da fala usual.

É possível inferir que o estilo de leitura poderá levar o falante a monitorar mais sua fala, enquanto que no estilo de entrevistas, a fala passa a ser menos fiscalizada pelo falante, devido haver maior espontaneidade e naturalidade de fala durante alguns momentos da gravação.

Para tanto, o quadro a seguir apresenta as variáveis estilísticas controladas.

Quadro 3- Definição da
Variável Estilística

Variável estilística
Estilo de leitura de texto (fala mais monitorada)
Estilo de entrevista (fala menos monitorada)

3.5 VARIÁVEIS SOCIAIS

As variáveis sociais são aspectos independentes que podem influenciar na variação linguística.

Observemos o Quadro 4, no qual estão dispostas as variáveis sociais controladas.

Quadro 4 - Variáveis Sociais

Variáveis Sociais
Tempo de Exposição
Idade
Naturalidade dos pais

A seguir, será pontuada a relevância de cada uma das variáveis para este estudo.

3.5.1 Tempo de exposição

Sabe-se, segundo Laver e Trudgill (1979) e Trudgill (1998), que o tempo a que o falante está exposto a um dialeto distinto é um fator significativo, podendo contribuir para a sua convergência. Os estudos relacionados com a Teoria da Acomodação (GILES, 1970), referidos por Marques (2006), Martins (2008), Hora e Wetzels (2011) dentre outros, demonstraram que seus informantes tinham, no mínimo, cinco anos de exposição a determinado dialeto, sendo esse o tempo utilizado para analisar alguma mudança.

Procurou-se registrar e analisar nesse estudo, o fator tempo de exposição a partir de um ano, por acreditar que é possível haver variação quando outros fatores sociais e emocionais contribuírem com a acomodação.

Assim, delimitou-se:

Para o Tempo de Exposição: 1-3 anos de exposição

3 -5 anos de exposição

Acima de 8 anos de exposição

3.5.2 Idade

Sabe-se desde os primeiros estudos sociolinguísticos quantitativos, propostos por Labov (1991, [1972]) sobre *A estratificação do [r] nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*, que o fator idade demonstrou forte relação quanto ao fenômeno analisado.

Tarallo (2005) corrobora Labov (1991, [1972]) ao afirmar que se “o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...]”.

A respeito da idade, Fernández (1998, p. 40) afirma:

Que, conforme o tempo passa, determina e modifica as características e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos [...] e que de certa forma a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade que outros fatores como sexo ou classe social.

Pode-se perceber a importância da variável idade para os estudos sociolinguísticos, o que nos levou a estipular essa variável, com o intuito de confirmar a hipótese de que será na população mais jovem, dos falantes paulistas, a maior possibilidade de convergência à acomodação do falar pessoense.

Confiramos sua distribuição:

Para a idade: Adultos: 19-25 anos de idade
Acima de 30 anos de idade

3.5.3 Naturalidade dos Pais

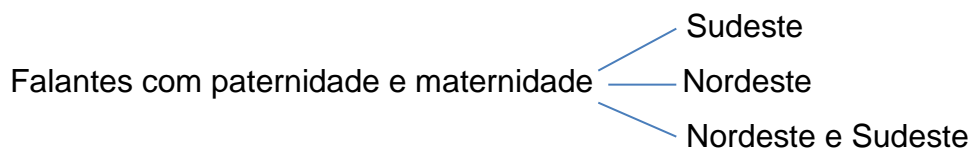
A variável Naturalidade dos Pais poderá ser imprescindível na acomodação das variantes linguísticas, pois muitos paulistas entrevistados são filhos de paraibanos que migraram para São Paulo ou são filhos de pais naturais do Estado de São Paulo, ou, de outros Estados.

Acredita-se que a paternidade e a maternidade nordestina possam acelerar a acomodação, devido ao vínculo linguístico e cultural mantido pelo histórico familiar e laços dos sujeitos com a região Nordeste. Fernández (1998) corrobora essa questão, quando afirma que a informação sobre a origem geográfica do falante pode ser determinante na análise dos resultados.

Fernández (1998) refere-se à procedência geográfica e dos bairros, apresentando aspectos de estudos desenvolvidos na Espanha em zona rural com urbana. Entretanto, no caso desta pesquisa, nossa variável contém falantes com pais nascidos em uma região de menor prestígio (Nordeste), em comparação com pais nascidos em outra considerada de maior prestígio (Sudeste).

Inferiu-se que esta variável, a naturalidade dos pais, poderá influenciar na atitude linguística do falante, podendo favorecer ou não a palatalização das fricativas coronais alveolares diante das oclusivas dentais.

Desta maneira, foram definidos como grupo de fatores da seguinte maneira:



Foram delimitados como naturalidade dos pais do Sudeste, os com origem exclusivamente desta região, no entanto, neste grupo, a maioria destacou-se como paulista, sendo apenas um identificado como mineiro.

A naturalidade dos pais dos informantes do grupo Nordeste, apresentou-se com origem no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia.

Já os informantes concentrados no grupo Nordeste e Sudeste tinham naturalidade diferenciada entre os pais, sendo um do Nordeste ou Sudeste, repetindo-se o mesmo com o outro genitor (a). Assim observamos, mãe paraibana e pai paulista e pai paulista e mãe pernambucana.

Observando o Quadro 5, pode-se constatar que a maioria dos paulistas dessa pesquisa são filhos de pais nordestinos, podendo favorecer à acomodação.

Quadro 5: Naturalidade dos pais por falante

Falantes	Naturalidade dos Pais					
	Sudeste			Nordeste		
	Pai	Mãe	Qnt.	Pai	Mãe	Qnt.
1	X	---	1	---	X	1
2	X	---	1	---	X	1
3	----		0	X	X	2
4	X	----	0		X	2
5	----	----	1	----	X	1
6	----	----	0	X	X	2
7	X	X	2	----	----	0
8	X	X	2	----	----	0
9	----	----	0	X	X	2
10	----	----	0	X	X	2
Total	5	2	7	5	8	13

O Quadro 5 apresenta a distribuição dos falantes identificando-os quanto à naturalidade paterna e materna, o qual pode revelar que a maioria dos falantes dessa pesquisa são filhos de pais nordestinos.

3.6 VARIÁVEL ATITUDINAL (atitude linguística)

A Atitude Linguística abrangerá a percepção do falante paulista, se negativa ou positiva para o falar pessoense. Essa variável será analisada por meio da entrevista que aborda questões diretas sobre a percepção do falante de sua própria fala, sobre o falar pessoense e o de São Paulo.

O intuito é investigar os fatores emocionais que cada falante carrega diante de sua experiência e necessidades interativas, socioeconômicas e culturais, relacionados ao prestígio de seu falar de origem em contato com um falar considerado de menor prestígio.

Coupland (2007) confirma que a atitude linguística vincula-se a questões de status e solidariedade, sendo uma auto-avaliação do falante, sobre o acento/sotaque que lhe é apresentado, levando o falante a perceber as verdadeiras impressões sobre a sua fala e a fala (dialetos diferenciados) do outro.

Essa variável diferenciou-se das outras, por não haver recebido tratamento estatístico, visto sua condição ser subjetiva. No entanto, sua análise a partir da entrevista de percepção do falante contribui para melhor compreensão dos resultados estatísticos da pesquisa, quando registram-se na fala, aspectos indicadores de aceitação ou rejeição ao dialeto, favorecendo ou dificultando a acomodação.

3.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa seção foi dividida em duas partes: formação do *corpus* e etapas de coleta dos dados, a qual pretende facilitar o entendimento dos procedimentos realizados neste tipo de pesquisa experimental.

3.7.1 Formação do *Corpus*

Por ser a pesquisa experimental, tivemos que criar ou adaptar os instrumentos utilizados para coletar a fala dos sujeitos. Dessa forma, corremos as seguintes etapas:

Etapa 1: A Ficha de Caracterização do Falante (Apêndice B) foi desenvolvida para traçar o perfil social do sujeito da pesquisa, garantindo que informações importantes sejam capturadas. Assim, procura registrar o sexo, a idade, a naturalidade dos pais, o tempo de vivência em João Pessoa, a frequência com que retorna a São Paulo, as relações que mantém com outros paulistas e com pessoenses, além do nível de escolaridade e a profissão.

Etapa 2: Os Textos (Apêndice C) foram divididos em três mini-textos para não fatigar o falante, além de conter palavras distratoras (palavras irrelevantes,

objetivando despistar o sujeito, misturadas com as palavras selecionadas para análise da variante estudada).

As palavras selecionadas para análise foram inseridas nos três textos, totalizando 31 palavras, as quais podem ser conferidas no quadro 06 e 07, sendo 13 pretônicas mais 13 tônicas com os fones [s,ʃ] antes do segmento fonêmico /t/, bem como, 4 pretônicas mais 1 tônica com os fones [z,ʒ] antes do fonema /d/.

As poucas palavras encontradas no quadro 07 justificam-se pela escassez dos fones estudados em coda medial. Outro dado importante refere-se à dificuldade de inserir essas palavras em textos contextualizados. No entanto, o interesse nas palavras selecionadas tornou a descontextualização irrelevante para a pesquisa.

Quadro 06: Palavras selecionadas com fones [s,ʃ] antes do fonema /t/

[S,ʃ] antes de /t/		
Qnt.	PALAVRAS PRETÔNICAS	PALAVRAS TÔNICAS
1	Combustível	Sexta
2	Estadia	Imprevistos
3	Amistoso	Cadastro
4	Instituição	Pasta
5	Manifestações	Listas
6	Extrapolam	Festa
7	Anestesia	Paulistas
8	Investigam	Restante
9	Distúrbios	Sesta
10	Administração	Adventista
11	Mastigação	Amostra
12	Sistema	Cientistas
13	Estomatognático	Testes

Quadro 07: Palavras selecionadas com fones [z,ʒ] antes do fonema /d/

[z,ʒ] antes de /d/		
Qnt.	PALAVRAS PRETÔNICAS	PALAVRAS TÔNICAS
1	Esdrúxulas	Desde
2	Desdentados	
3	Desdenhar	
4	Desdobrar	

Etapa 3: A Entrevista Sociolinguística (Apêndice D) foi baseada e adaptada de acordo com indicações de Tagliamonte (2006). Adaptada, devido ao

acréscimo da questão que envolve o motivo da migração do paulista para João Pessoa, além de ampliar o tema para a vida e as mudanças nessa nova cidade.

Etapa 4: A Entrevista de Percepção do Falante (Apêndice E) foi totalmente idealizada para esse estudo, a qual objetiva averiguar as atitudes do falante com relação a sua fala em contato dialetal. Portanto, compreendemos ser imprescindível indagar o falante a respeito do falar pessoense e do de São Paulo, bem como suas impressões a respeito de ambos.

Houve o cuidado de sondar o nível de consciência deles com relação à mudança ou não do seu falar após vinda à Paraíba. Acredita-se que essa entrevista poderá apontar traços convergentes ou divergentes ao falar pessoense, além de nos permitir retirar palavras de valor ou expressões que indiquem atitudes favoráveis ou não favoráveis à acomodação dos fones analisados.

Todas essas etapas foram realizadas cautelosamente, objetivando abarcar o máximo de informações, além de possibilitar o registro de outras que nos permitam explorar, bem como embasar outros trabalhos.

3.7.2 Método de coleta dos dados

O método para a coleta dos dados ocorreu em 3 tempos:

O primeiro com a explicação sobre a pesquisa e autorização para seu desenvolvimento através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

O segundo através do preenchimento da Ficha de Caracterização do sujeito (Apêndice B), registrando informações importantes sobre o falante.

O terceiro ocorreu com a gravação da fala pelo programa de computador de Análise Acústica da Fala - FonoView4, o qual permite monitorar, visualizar a qualidade da gravação (presença de ruídos, por exemplo), bem como, analisar as propriedades físicas da fala, com o microfone condensador C-10 da BEHRINGER que permite uma coleta da voz e fala de alta qualidade.

Para finalizar este capítulo é importante informar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba (HULW-UFPB) com aprovação unânime durante a reunião realizada em 17/05/2011, apresentando o nº de Protocolo CEP/HULW 308/11; nº da folha de rosto 421141 e o nº do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 0015,0,126,000-11.

A seguir tem-se o quarto capítulo abordando a análise e discussão dos resultados, o qual foi dividido em duas partes, sendo a primeira com a análise quantitativa e a segunda a qualitativa.

CAPÍTULO 4- ANÁLISE E DISCUSSÃO

Esta seção foi dividida em duas partes: análise quantitativa e análise qualitativa, visando melhor organização dos dados.

Para a análise quantitativa, os resultados, com o peso relativo de cada variável rodados no Programa *GoldVarbX*, foram tabulados, descritos e discutidos. Utilizou-se de gráficos e espectrogramas para ilustrar a relevância dos dados.

Posteriormente à análise quantitativa, iniciou-se a análise da entrevista da percepção do falante, a qual objetiva analisar a variável atitude linguística.

Partindo desse pressuposto, os resultados aqui apresentados correspondem à análise descritiva dos dados envolvidos na pesquisa, sendo de caráter exploratório, o qual pretende embasar outros estudos.

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

A análise quantitativa foi realizada a partir de um recorte dos dados obtidos através dos cruzamentos entre as variáveis extralinguísticas e linguísticas, gerados pelo programa *GoldVarbX*, a qual será descrita a seguir.

Para sabermos se os paulistas estavam se acomodando ao falar pessoense, no que se refere ao fenômeno da palatalização em coda silábica medial antes das oclusivas alveolares [t] e [d], selecionamos todos os fones produzidos nessa posição silábica em uma situação que favorecia maior monitoração da fala e em outra que favorecia menos.

Foram analisadas as variáveis estilísticas estilo de leitura e entrevista, e as variáveis sociais tempo de exposição, idade e naturalidade dos pais. A seguir, o próximo item apresentará a incidência geral sobre o fenômeno da palatalização segundo as variáveis selecionadas.

4.1.2 Incidência geral da palatalização nos falantes paulistas

Foi realizada inicialmente uma primeira rodada com as seguintes variáveis controladas:

- Estilos de leitura e entrevista;
- Tempo de exposição;
- Idade;

- Naturalidade dos pais.

O Programa *GoldVarbX* cruzou os dados dessas variáveis e registrou um total de 730 ocorrências, das quais 254 foi a quantidade de aplicações do fenômeno, apresentando um percentual de 34,8% de palatalização das fricativas alveolares pelos falantes paulistas, e 476 foi o valor das não-aplicações, resultando em 65,2% da não palatalização do fenômeno, ou seja, da não acomodação ao dialeto paraibano.

O gráfico 1, a seguir, ilustra a situação percentual geral do fenômeno em questão.

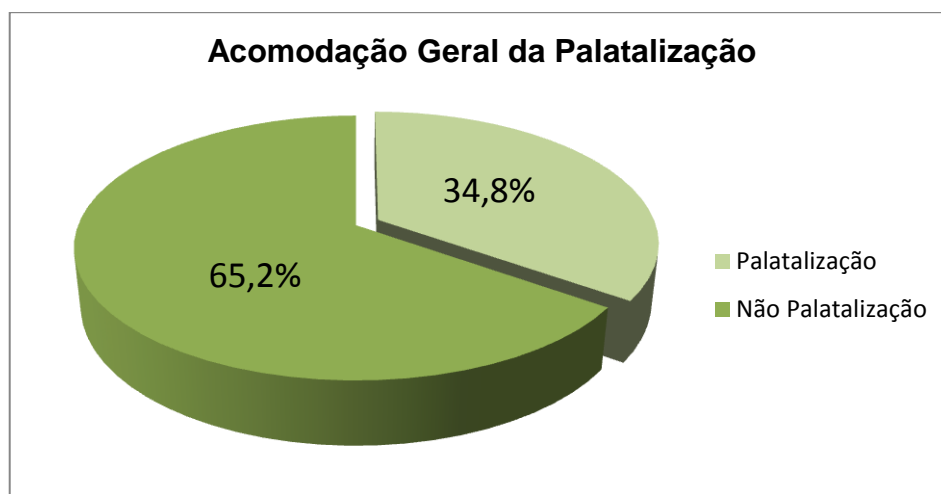


Gráfico 1 – Acomodação geral do fenômeno da palatalização das fricativas alveolares diante das oclusivas dentais

Pode-se visualizar no gráfico o resultado geral sobre a palatalização das fricativas alveolares diante das oclusivas dentais, o qual nos revela que houve menor aplicação do fenômeno estudado pelos falantes paulistas.

Não houve surpresa com esses resultados, em razão de que, fundamentada na teoria estudada, havia uma consciência que o tempo de exposição abaixo de um ano poderia contribuir com a divergência à acomodação do fenômeno.

Em contrapartida, o tempo de exposição longo iniciado em idade infantil (falantes 1 e 2- quadro 1) poderia favorecer à convergência para a acomodação ao fenômeno estudado. Desta forma, decidiu-se realizar uma segunda rodada sem os mesmos, para verificar se os resultados estariam tendenciados ou não. Ver resultados e discussão nos subitens 4.1.3 e 4.1.4.

A análise quantitativa foi, então, realizada com duas rodadas, sendo a primeira com todos os participantes e a segunda sem os falantes 1 e 2, referidos

acima. As variáveis analisadas e as selecionadas por relevância pelo *GoldVarbX* podem ser observadas a seguir.

Quadro 08 – Variáveis selecionadas na primeira rodada

1ª RODADA – Acomodação à Palatalização	
Variáveis Analisadas	Variáveis Selecionadas
estilos de leitura e entrevista	tempo de exposição
tempo de exposição	Idade
Idade	naturalidade dos pais
naturalidade dos pais	estilos de leitura e entrevista

Ao observar o quadro acima, verifica-se que, para a primeira rodada, o tempo de exposição e a idade, seguidos da naturalidade dos pais, foram os mais relevantes para favorecimento da palatalização pelos falantes paulistas em contato com o falar pessoense. O quadro 09 a seguir apresenta a relevância por seleção das variáveis na segunda rodada.

Quadro 09 – Variáveis selecionadas na segunda rodada

2ª RODADA – Acomodação à Palatalização	
Variáveis Analisadas	Variáveis Selecionadas
estilos de leitura e entrevista	tempo de exposição
tempo de exposição	Idade
Idade	estilos de leitura e entrevista
naturalidade dos pais	-----

No quadro 09 pode-se observar os grupos selecionados pelo programa na segunda rodada (a qual teve retirado os dados dos falantes 1 e 2), que aponta a não seleção do fator naturalidade dos pais e o tempo de exposição e a idade, como as

variáveis mais relevantes estatisticamente para favorecimento à acomodação do fenômeno em discussão, estando de acordo com o quadro 8.

Desta maneira, para entender os fatores que influenciaram nesses dados da palatalização e não palatalização, foram analisadas as variáveis estilísticas e as sociais, as quais serão iniciadas a seguir, utilizando a orientação dos resultados das rodadas do *GoldVarbX*.

4.1.3 Tempo de exposição

Na leitura dos dados estatísticos, verificou-se que as rodadas 1 e 2 apresentaram a variável social tempo de exposição, como a mais relevante para o favorecimento do fenômeno da palatalização sobre o prisma da acomodação em contato dialetal.

Discorre-se sobre as variáveis seguindo sua relevância hierárquica, segundo o *GoldVarbX*. Assim, há a variável tempo de exposição como fator social mais significativa para acomodação da palatalização pelos falantes paulistas, representado nas tabelas 1 e 2, bem como ilustradas no gráfico 1.

A seguir, a tabela 1 apresenta um resumo dos dados estatísticos da variável extralinguística tempo de exposição, apontando o peso relativo para cada uma das variantes estipuladas na primeira rodada.

Tabela 1: Acomodação relacionada ao Tempo de Exposição na 1ª Rodada

PALATALIZAÇÃO x TEMPO DE EXPOSIÇÃO			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
(↑ de 8)	221/481	45,9	0,70
(3 a 5)	23/118	19,5	0,31
(1 a 3)	10/131	7,6	0,08

Input: .28

Significância: .015

Lendo a tabela, compreende-se que o fenômeno da palatalização foi mais recorrente nos falantes expostos ao dialeto pessoense há mais de oito anos com peso relativo 0,70, seguido de 0,31 e de 0,08 para 3-5 anos e 1-3 anos respectivamente.

A seguir serão apresentados, na tabela 2, os resultados estatísticos dessa variável na segunda rodada, a qual cruzou os dados sem os falantes 1 e 2 .

Tabela 2: Acomodação relacionada ao Tempo de Exposição na 2ª Rodada

PALATALIZAÇÃO x TEMPO DE EXPOSIÇÃO			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
(↑ de 8)	124/359	34,5	0,68
(3 a 5)	23/118	19,5	0,37
(1 a 3)	10/131	7,6	0,16

Input: .22

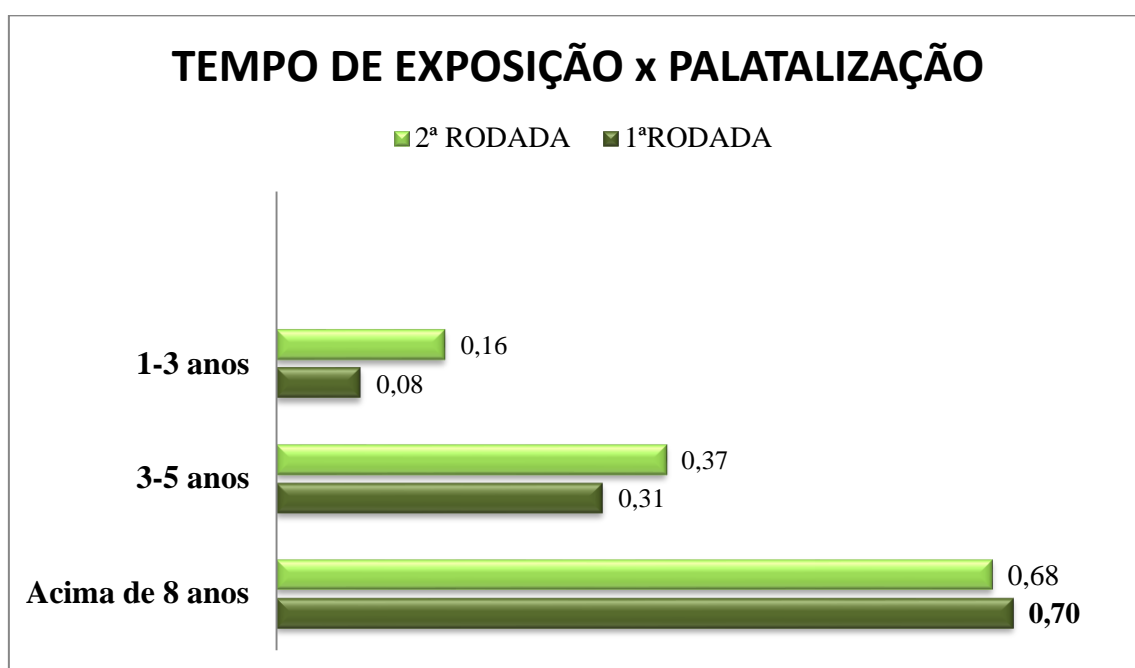
Significância: .043

Os dados revelados na tabela 2 confirmam que, apesar da retirada das duas falantes, o resultado manteve-se como na tabela 1, ou seja, quanto mais tempo de exposição, mais favorecido à acomodação o falante estará.

Acreditou-se que as falantes 1 e 2 poderiam estar enviesando os resultados por terem entrado em contato dialetal ainda na fase de aquisição da linguagem. No entanto, a significância da variável se manteve independente da produção destas falantes.

Diante da insignificância nos resultados sem as duas falantes na segunda rodada, será apresentado o gráfico 2 para possível comparação facilitada destes achados.

Gráfico 2: Acomodação da palatalização relacionada ao Tempo de Exposição nas duas rodadas



Interpretando o gráfico 2, tem-se que, em ambas as rodadas, os falantes paulistas que estão vivendo em João Pessoa há mais tempo, ou seja, acima de oito anos em exposição ao dialeto pessoense, são os que apresentaram maior ocorrência do fenômeno da palatalização.

Os dados revelaram que a mudança fonética neste estudo foi significativa no tempo de exposição acima de cinco anos. No entanto, esta pesquisa trabalha com uma amostra de fala de sujeitos oriundos de uma comunidade considerada de maior prestígio com uma considerada de menor prestígio, o que pressupõe, segundo a literatura, dificuldade nessa acomodação. Giles e Smith (1979) e Sebba (1993), citados por Honey (1997), afirmam que falantes com sotaque menos prestigiado acabam assumindo aspectos do falar considerado de maior prestígio, para não serem discriminados, fato que não ocorre em situação oposta.

Esses mesmos dados nos direcionaram a indagar se nas situações de uma comunidade de fala considerada de menor prestígio com outra de maior prestígio, os falantes poderiam apresentar uma hiperadaptação (hipercorreção realizada por falantes em contato com variedades mais prestigiadas) ao dialeto, como afirma Trudgill (1984).

Esses resultados confirmam a hipótese de que esta variável em discussão contribuiu para a acomodação dos falantes. No próximo item serão analisados e discutidos os resultados da variável idade.

4.1.4 Idade

O fator idade nos estudos da variação linguística tem apresentado forte relevância na sinalização da mudança. Labov (1972) em seus estudos iniciais já mencionava esse fator social como possível condicionador linguístico.

Tarallo (1990, 2005) afirma que a faixa etária pode indicar *estabilidade* das variantes, caso não haja relação com os resultados, ou pode indicar *mudança em progresso*, caso a variante seja evidenciada entre os mais jovens.

Martins (2004, p. 62-63), corrobora que “o uso da variante mais inovadora é mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos demais informantes”.

Com relação à acomodação, para Giles et al (1990) e Hockett (1958) citados por Honey (1997), a idade, durante as fases da infância e da adolescência,

funciona como aspecto convergente à adaptação ao outro dialeto, tendo muitos professores um importante papel nessa mudança durante o processo do contato dialetal, devido ao modelo espelhado. Afirmam, no entanto, que apesar de admitirem uma faixa limite favorecedora para a acomodação (até os 17 anos), existem casos de falantes adultos em mudança dialetal.

A Tabela 3 apresenta um resumo dos resultados estatísticos rodados no Programa *GoldVarbX* sobre a variável extralinguística idade, indicando o peso relativo sobre o comportamento da palatalização das fricativas coronais alveolares diante das oclusivas dentais /t/ e /d/.

Diante dessas explanações serão apresentados os resultados dispostos na tabela 3 e no gráfico 3 a seguir.

Tabela 3: Acomodação relacionada à Idade na 1ª Rodada

PALATALIZAÇÃO x IDADE			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
De 19 a 25 anos	144/323	44,6%	0,67
Acima de 30 anos	110/407	27,0%	0,36

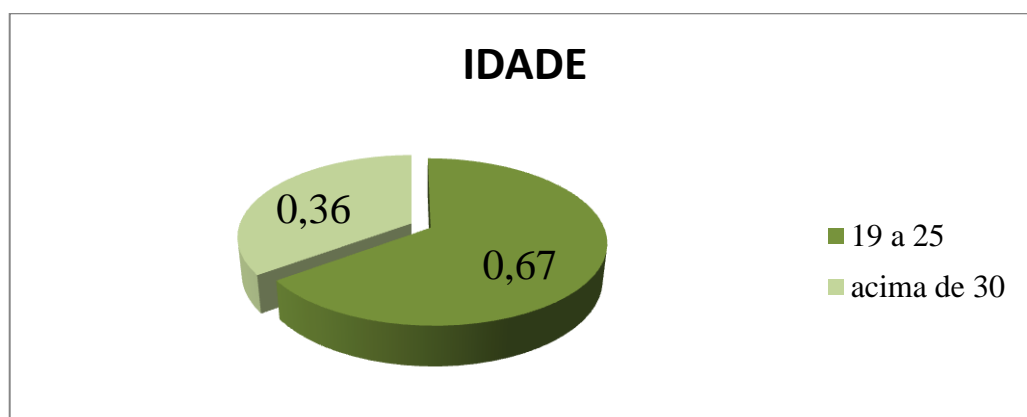
Input: .28

Significância: .015

Observando a tabela 3 pode-se constatar que a faixa etária de 19 a 25 anos aplicou mais o fenômeno da palatalização do que na faixa etária acima de 30 anos de idade.

É possível visualizar melhor através do gráfico 3, o qual ilustra bem o favorecimento à acomodação na faixa etária mais jovem.

Gráfico 3: Palatalização segundo a variável idade



Observando os dados do gráfico 3, pode-se perceber que a idade distribuída na faixa etária de 19 a 25 anos obteve peso relativo 0,67, representando um forte aspecto que converge, ou seja, que favorece ao fenômeno da palatalização nesse estudo.

Entretanto, pelo fato de haver indagações a respeito das duas falantes como já referido anteriormente durante a análise da variável tempo de exposição, foram verificados os dados da variável idade também na segunda rodada.

Tabela 4: Acomodação relacionada à Idade na 2ª Rodada

PALATALIZAÇÃO x IDADE			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
De 19 a 25	47/201	23,4%	0,64
Acima de 30	110/407	27,0%	0,42

Input: .22

Significância: .043

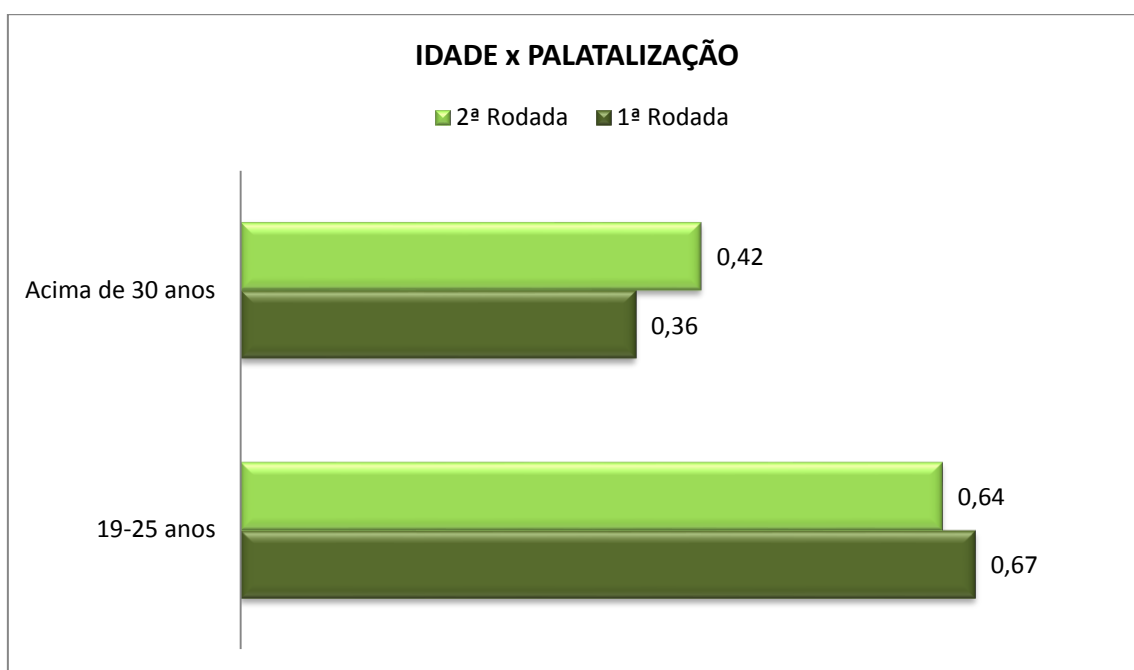
A tabela 4 revela por meio do peso relativo de 0,64 para a idade de 19-25, que os resultados se mantêm independentes dos falantes 1 e 2. Desta forma, nossa inquietação sobre possível enviesamento dos dados foi descartada.

Esses resultados indicam, como afirmam Labov (1972) e Tarallo (2005), que os mais jovens estarão mais propensos à variação, devido às relações mantidas com certo nível de interesse, como por exemplo, a inserção em grupos acadêmicos, sociais e a conquista de espaço profissional.

Acrescentamos que a criança acima de três anos de idade, a exemplo da falante 1, com certas regras fonéticas já prestabelecidas em sua comunidade de fala, passa por um processo de re-aprendizagem, de acomodação, principalmente, quando o contato com o falar de origem ainda se mantém com pais, ou outros parentes. Fato este que explica a aplicação das fricativas alveolares em algumas palavras, por exemplo: de[z]dobrar e admini[s]tração.

A seguir, o gráfico 4 esboça os resultados em ambas as rodadas, visando melhor compreensão desses resultados.

Gráfico 4: Acomodação da palatalização relacionada à idade nas duas rodadas



Após análise da variável social idade, a qual confirmou a hipótese com relação ao favorecimento da acomodação da palatalização, serão descritos a seguir o fator naturalidade dos pais.

4.1.5 Naturalidade dos Pais

Esta variável foi controlada com base na observação preliminar de que a origem dos pais dos falantes da pesquisa advém do Nordeste, aspecto que nos levou inicialmente a inferir que os aspectos atitudinais de alguns falantes de ascendência nordestina poderia estar influenciando no fenômeno da palatalização. Na tabela 5 os resultados da primeira rodada podem ser conferidos.

Tabela 5: Acomodação relacionada à Naturalidade dos pais

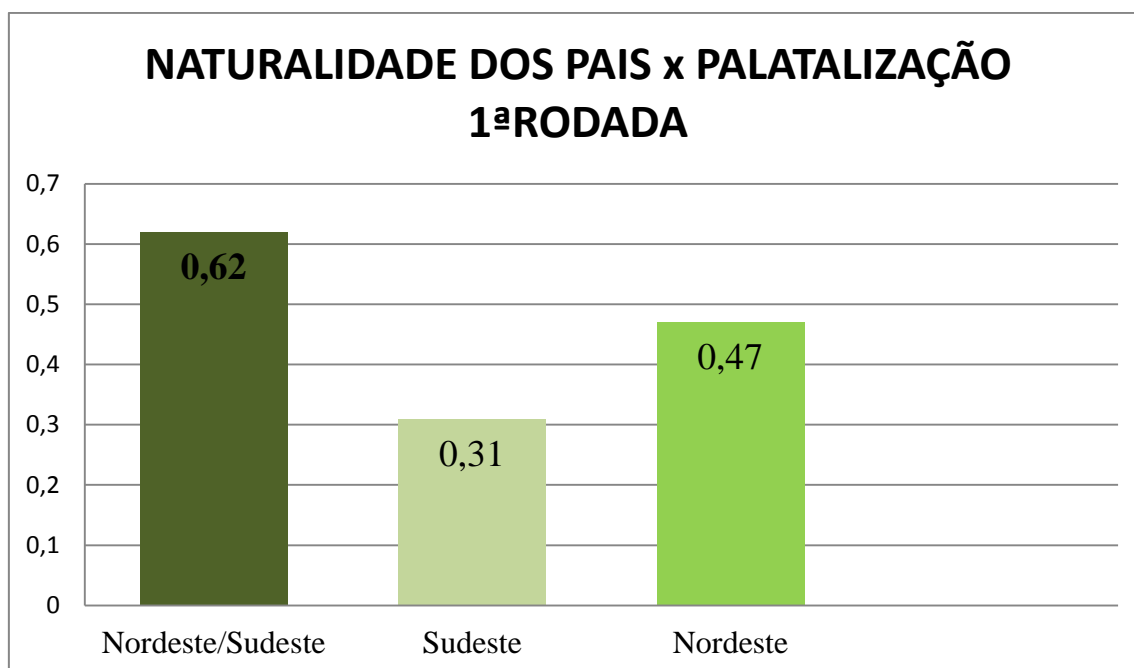
PALATALIZAÇÃO x NATURALIDADE DOS PAIS			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Nordeste/Sudeste	108/238	45,4	0,62
Sudeste	10/81	12,3	0,31
Nordeste	132/406	32,5	0,47

Input: .28

Significância: .011

A seguir, podem ser visualizados, no gráfico 5, os resultados apenas da primeira rodada.

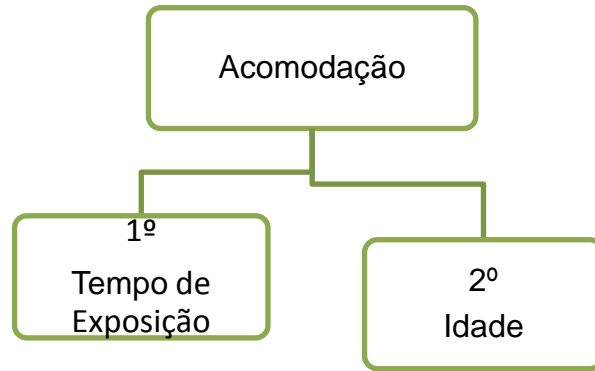
Gráfico 5: Acomodação da palatalização relacionada à naturalidade dos pais na primeira rodada



A tabela 5, bem como o gráfico 5, revelam que os falantes com pais naturais do Nordeste/Sudeste apresentaram resultado com maior peso relativo, apontando ser o terceiro maior aspecto que converge ao fenômeno da palatalização.

No entanto, na segunda rodada, esse fator não foi selecionado, fato que leva a refletir sobre os dados e sobre a rodada em si. Deduz-se que a retirada das duas falantes, interferiu nesse acontecimento, visto ambas terem pais de ambas as regiões, Nordeste e Sudeste.

A não seleção dessa variável na segunda rodada, nos levou a refutar a hipótese desse fator social como forte favorecedor ao fenômeno da palatalização. Logo, as variáveis sociais que convergem à acomodação da palatalização das fricativas alveolares em coda silábica antes das oclusivas coronais dentais [t] e [d] são o tempo de exposição e a idade.



Esquema 1: Esquema representando as variáveis que convergem à acomodação da palatalização

A seguir, serão descritos os resultados da variável estilística, estilo de leitura e entrevista.

4.1.6 Estilo

Essa variável foi analisada quanto ao estilo de leitura e de entrevista, seguindo a concepção de Labov (1972) sobre o grau de mais formal a menos formal, a depender do tipo de coleta da fala. Assim, para a leitura de texto, estabelecemos uma fala mais formal, enquanto para as entrevistas uma fala mais espontânea.

A Tabela 6 apresenta um resumo estatístico da acomodação sobre a variável linguística independente estilo (estilo de leitura de texto e de entrevistas), apontando sua significância a partir do peso relativo.

Tabela6: Acomodação relacionada ao estilo referente à primeira rodada

PALATALIZAÇÃO x ESTILO			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Leitura	105/320	32,8%	0,40
Entrevista	149/410	36,3%	0,58

Input: .28

Significância: .015

A tabela 6 aponta peso relativo significativo de 0,58 para a modalidade entrevista, o que implica dizer que os falantes palatalizaram mais nesse estilo, devido ao menor monitoramento do falante durante uma fala mais espontânea.

Obteve-se na segunda rodada o seguinte resultado apresentado na tabela 7.

Tabela 7: Acomodação relacionada ao estilo referente à segunda rodada

PALATALIZAÇÃO x ESTILO			
Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Leitura	57/256	22,3%	0,42
Entrevista	100/352	28,4%	0,55

Input: .22

Significância: .043

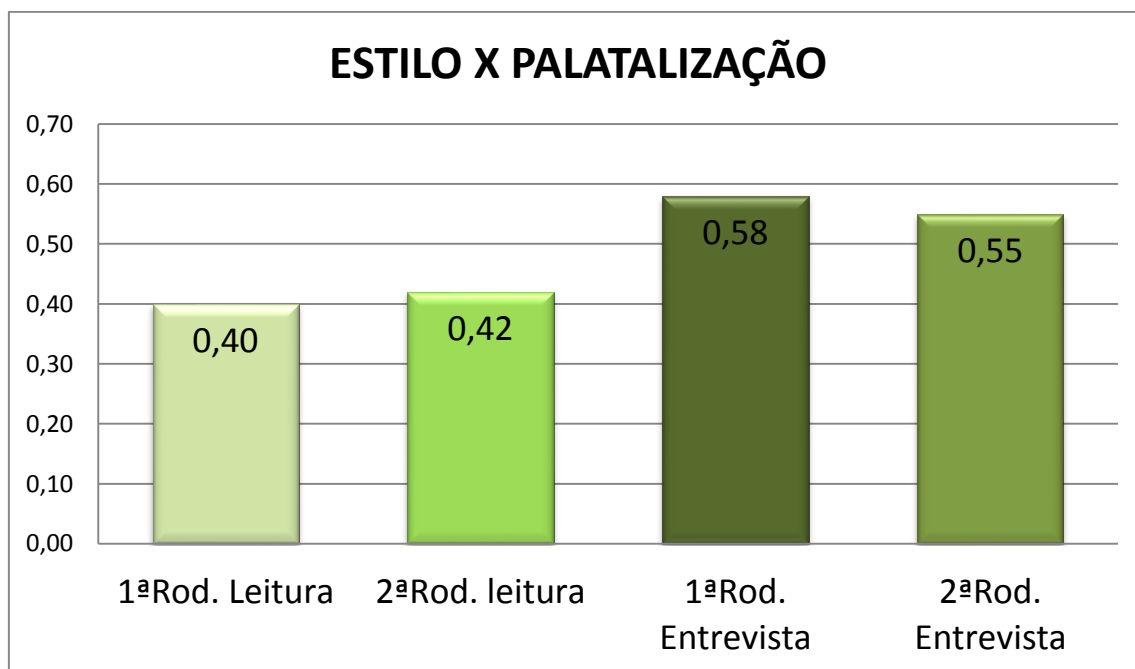
Confrontando o resultado da tabela 6 com o da tabela 7, constata-se que essa variável não apresentou nenhuma modalidade como fator fortemente favorecedor do fenômeno da palatalização, quando comparados aos resultados obtidos pelas variáveis sociais tempo de exposição e idade. Todavia, indica que é no estilo de entrevista que o falante tende a monitorar-se menos.

Apesar de não ser um fator que favoreça o fenômeno da palatalização, o estilo de entrevista (fala menos monitorada), como afirmam Labov (1972), Fernández (1998) e Tarallo (2005), propicia o aparecimento da fala real, mais espontânea, possibilitando a aparição da variação.

O estilo de leitura também nos parece importante, apesar do resultado, o qual já era esperado devido à maior monitoração dos falantes. Além do mais, permite-nos analisar comparativamente as produções dos falantes, devido a repetição dos vocábulos.

Em seguida, para simples conferência, será apresentado o gráfico 6 relacionando os resultados em ambas as rodadas da variável estilo de leitura e entrevistas.

Gráfico 6: Acomodação da palatalização relacionada ao estilo em ambas as rodadas

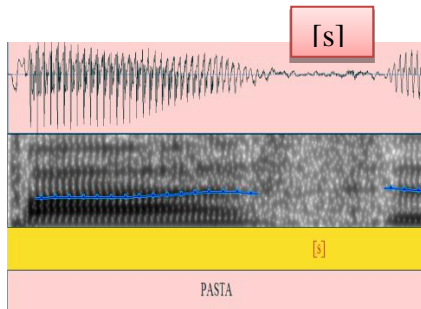


Logo, com o intuito de constatar a acomodação dialetal, analisou-se acusticamente as palavras *sexta*, *desdobrou* e *festa* de dois informantes (falantes 6 e 1), tendo como parâmetro a emissão do falante 7, o qual não apresentou acomodação do fenômeno estudado.

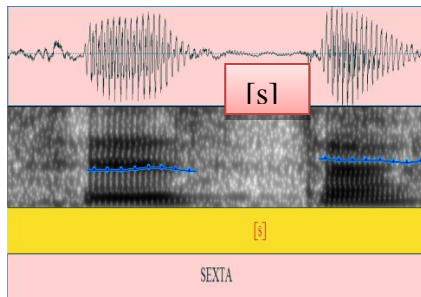
Desta maneira, dispomos dos espectrogramas abaixo para visualização acústica da acomodação ao dialeto pessoense.

Falante 7

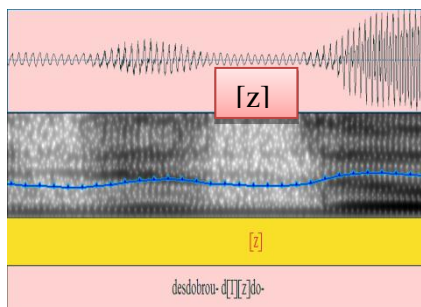
Sem Palatalização



Espectrograma 1: Não palatalização-
Pasta ~ pa[s]ta



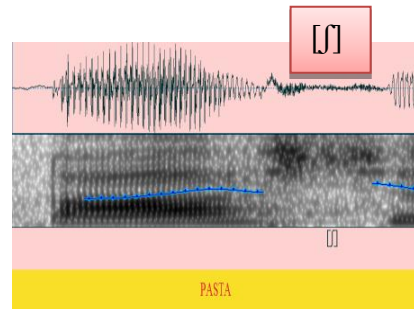
Espectrograma 2: Não palatalização-
Sexta ~ se[s]ta



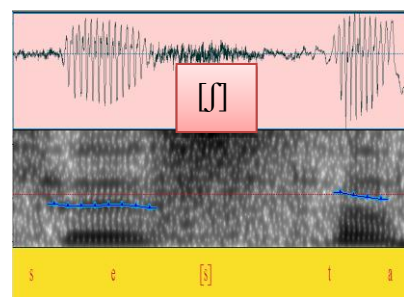
Espectrograma 3: Não palatalização-
Desdobrou ~ de[z]dobrou

Falante 6

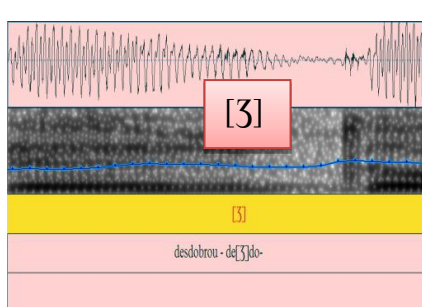
Com Palatalização



Espectrograma 4: Palatalização-
Pasta ~ pa[ʃ]ta



Espectrograma 5: Palatalização-
Sexta ~ se[ʃ]ta



Espectrograma 6: Palatalização-
Desdobrou ~ de[ʒ]dobrou

As diferenças entre as fricativas alveolares e palatais podem ser observadas na comparação entre os espectrogramas da falante 6 (acomodação à palatalização) com a falante 7 (não acomodação à palatalização).

Os resultados acústicos da falante 7 foram utilizados como parâmetros comparativos, devido a sua significativa não acomodação. Esta não acomodação está de acordo com o pouco tempo de exposição e com a idade, a qual foi iniciada acima dos 30 anos.

Desta maneira, os fones [z] e [s] podem ser visualizados nos espectrogramas 1, 2 e 3 para comparação com os falantes 6 (espectrogramas 4, 5 e 6) e 1 (espectrogramas 7, 8 e 9).

Os falantes 6 e 1 foram selecionados por terem apresentado maior número de palatalização (quadro 10 localizado na página 78), os quais também serão utilizados para análise das atitudes linguísticas.

A análise acústica nos possibilita ver as características físicas da onda sonora de cada segmento da fala, analisando e confirmando objetivamente a variação.

Ao comparar as imagens das fricativas realizadas pela falante 7 com a falante 6, constatam-se ambas as aplicações da não-palatalização x palatalização.

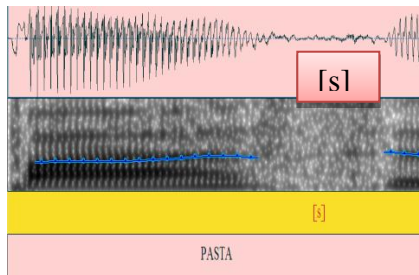
Percebe-se esta diferença, pois as fricativas sibilantes surda [s] e sonora [z] podem ser observadas como uma onda sonora ruidosa (condição de consoante) de menor extensão, o que reflete a centralização póstero-anterior do fluxo aéreo na cavidade intra-oral. Enquanto que as fricativas chiante surda [ʃ] e sonora [ʒ] apresentam uma maior extensão do som refletindo sua fisiologia (palatalização com fluxo aéreo liberado lateralmente).

Os espectrogramas 3, 6 e 9 ilustram as fricativas emitidas na palavra *desdobrar*, sendo um vocábulo (com o fenômeno em posição pretônica diferenciando-se dos outros que são tônicos), mais longo, fato que nos levou a selecionar apenas as duas primeiras sílabas (*desdo-*) para maximizar visualização acústica.

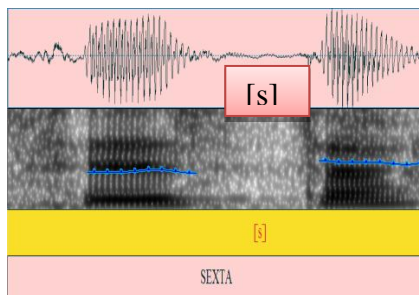
A seguir pode-se observar comparativamente os espectrogramas do falante 7 com o falante 1.

Falante 7

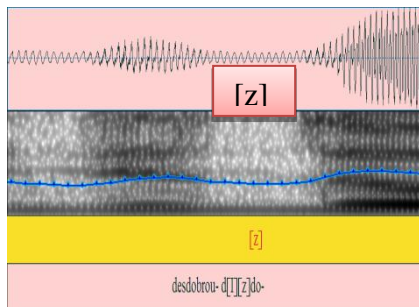
Sem Palatalização



Espectrograma 1: Não palatalização-
Pasta ~ pa[s]ta

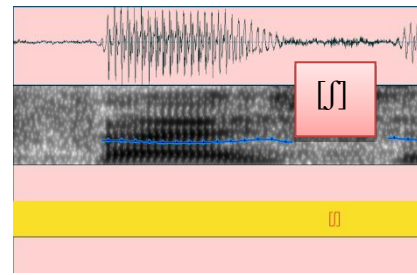


Espectrograma 2: Não palatalização-
Sexta ~ se[s]ta

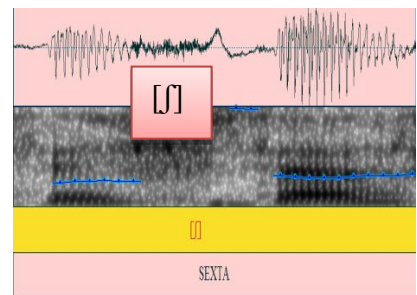


Espectrograma 3: Não palatalização-
Desdobrou ~ de[z]dobrou

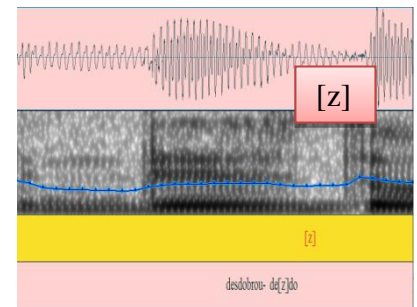
Falante 1



Espectrograma 7: Palatalização-
Pasta ~ pa[ʃ]ta



Espectrograma 8: Palatalização-
Sexta ~ se[ʃ]ta



Espectrograma 9: Não palatalização-
Desdobrou ~ de[z]dobrou

Chama atenção a palavra “desdobrou” da falante 1 (espectrograma 9), a qual não palatalizou, produzindo a fricativa alveolar em coda silábica antes das oclusivas dentais, caracterizando o falar paulista. Esta ocorrência indica sua monitorização frente ao estilo de leitura, diferentemente do informante 6 que apresenta a palatalização (espectrograma 6).

A breve análise acústica foi mais um aspecto que possibilitou constatar a acomodação do fenômeno da palatalização, conjuntamente com os dados estatísticos rodados no programa *GoldVarbX* e somados à análise das atitudes linguísticas.

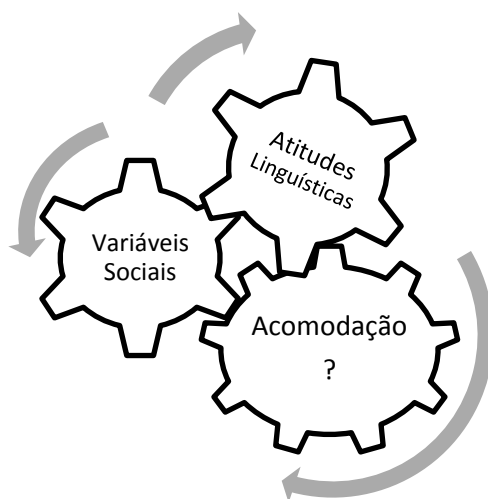
Apesar da não relevância da variável estilo segundo os resultados estatísticos, percebe-se sua influência na monitorização do falante, além de permitir a comparação acústica do segmento fônico estudado.

Logo, a hipótese estipulada para esta variável não foi refutada, visto nossa inferência de que os fatores estilísticos estudados não seriam condicionantes da acomodação do fenômeno em questão.

Após análise desta última variável, passaremos para a última etapa da análise e discussão das atitudes linguísticas, a qual complementarará os resultados das duas variáveis mais relevantes (tempo de exposição e idade) para o processo de acomodação da palatalização em coda silábica medial antes das oclusivas dentais /t/ e /d/.

4.2 ANÁLISE DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Foi possível constatar que a atitude linguística de cada falante realiza entrelaçamentos com os aspectos sociais, resultando em uma acomodação mais ou menos acelerada. Segundo o esquema abaixo, temos uma melhor visualização dessa concepção.



Esquema 2: Engrenagem lingüísticopsicossocial na Acomodação

Este esquema representa um tipo de engrenagem lingüísticopsicossocial no processo da acomodação dialetal, pois as variáveis sociais condicionam as lingüísticas por questões também atitudinais individuais, de aspecto emocional (psicossocial). A ideia versa sobre a ocorrência ou não da acomodação e/ou resistência de certos traços de pronúncia, a depender das atitudes frente às

situações vivenciadas nas limitações de cada variável social e atitudinal controlada, estando ambas imbricadas nesse processo tão particular que é a acomodação.

Logo, essa inferência está de acordo com Fernández (1998, p. 180), quando enfatiza que “as atitudes linguísticas são reflexo de atitudes psicossociais [...]”. Explica que, devido a esta relação do social com o emocional, o sujeito avalia os falares caracterizando-os de acordo com o *status* e o prestígio que carrega em si, como parâmetro de outros. Por esses motivos, relata a tarefa difícil de determinar o início da atitude com a variedade linguística, bem como seu término com a comunidade de fala ou falante desta comunidade.

Compreende-se que as variáveis sociais mais relevantes para este estudo, como o tempo de exposição e a idade, apresentaram resultados estatísticos que refletem as atitudes dos falantes.

Para entender essa concepção, serão apresentados os dados estatísticos com os dados obtidos através da entrevista de percepção do falante.

4.2.1 Falantes que mais se acomodaram à palatalização

Primeiramente, é interessante observar o quadro 10 a seguir, o qual apresenta o número de palatalizações por falante destacando os 3 que mais palatalizaram.

TOTAL DE PALATALIZAÇÕES POR FALANTE		
Falantes	Nº Total de Palatalizações	Porcentagem %
1	50	19.8
2	47	18.5
3	17	6.7
4	23	9.1
5	06	2.4
6	56	22.1
7	03	1.2
8	15	6.0
9	23	9.1
10	13	5.1
TOTAL	253	100%

Quadro 10: Total de palatalizações por falante destacando os três que mais palatalizaram

Destacam-se os falantes 1, 2 e 6 devido a maior incidência da palatalização, demonstrando alguma acomodação desse fenômeno, apesar da incidência geral, vale lembrar, ser de mais de 60% de não aplicação da palatalização.

Segundo Street e Hooper (1982) citado por Fernández (1998, p. 184), a acomodação da fala “inclui na mensagem elementos divergentes e convergentes, como os juízos de valor e a percepção do falante, porque produzem respostas de valor significativo para análise”.

Logo, a entrevista de percepção do falante (Apêndice D) foi realizada por meio de questões mais diretas visando respostas menos subjetivas. São estas:

1. O que acha do falar da Paraíba (pessoense)?
2. Você acha que os paraibanos (pessoenses) falam diferente de falantes de outros Estados?
3. Algo lhe incomoda no falar pessoense? O quê? Por quê?
4. O que pensa sobre o falar de São Paulo (Do interior e da capital)?
5. Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?
6. Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir de São Paulo? Por quê?
7. Se respondeu **não** na questão 6. O que acredita ter mudado no seu falar de São Paulo para o paraibano/pessoense?
8. O que você acha que contribuiu para a mudança no seu falar?

Estando as questões dispostas para simples verificação, iniciaremos a análise apresentando nossa inferência sobre a percepção do falante, com trechos de sua fala que justifiquem nosso posicionamento. Assim, serão realizadas na sequência (critério quanto a maior aplicação da palatalização) com os falantes 6, 1 e 2.

FALANTE 6:

Respostas:

1. Não houve uma resposta direta. Demonstrou apenas prévio conhecimento e contato através de familiares e amigos, não estranhando o sotaque pessoense.
2. Posicionamento claro com relação à consciência de variedades dialetais.

3. Afirmar ausência de incômodo sobre o dialeto pessoense. Nessa questão apontou discriminação sofrida no início de sua estada em João Pessoa (com 17 anos), levando-a a reproduzir características do dialeto pessoense.
4. Posicionamento claro com relação às diferenças. No entanto, quando compara sua emissão [R] com [r], faz confusão acreditando produzir o tepe e não o retroflexo.
5. Posicionamento claro. Acredita sim no prestígio político-econômico de São Paulo, e na influência deste no conceito de maior prestígio do dialeto paulista.
6. Posicionamento claro. Acomodação ao dialeto pessoense.
7. Preconceito e convivência.
8. Preconceito. Ações conscientes e inconscientes para acomodação.

Portanto, as atitudes da informante nos revelam os seguintes dados para acomodação da palatalização:

a) ³Dados Atitudinais

Atitudes Linguísticas		
Conclusão Geral	Fatores- Acomodação	
	Positivo	Negativo
Preconceito	-----	Convergente
Convivência escolar/acadêmica	-----	Convergente

Quadro 11: Dados atitudinais para acomodação da falante 6

Ao ler o quadro 11 compreende-se que o preconceito (citado pela informante) dos grupos em convívio, com o seu falar de origem, gerou atitudes negativas, as quais favoreceram a acomodação da palatalização.

³ Para analisar as atitudes dos falantes foram utilizados os adjetivos positivo e negativo a partir da visão dos informantes. Todas as palavras de valor também se referem às peculiaridades de cada sujeito.

Essa análise demonstra que a percepção negativa dos grupos com os quais convivia com relação ao seu dialeto paulista, foi fator predominante em sua fala, referindo a mesma, palavras de valor negativo (sofrimento, preconceito). Desta maneira, foi possível interpretar que as atitudes negativas foram ⁴convergentes para a acomodação dialetal.

Este resultado sobre as atitudes negativas como fator convergente está de acordo com a Teoria da Acomodação, a qual possibilita retomar a citação realizada na fundamentação teórica desta pesquisa, segundo Giles et al (2010, [1991], p. 11):

Both convergence and divergence may be either upward or downward, where the former refers to a shift toward a consensually prestigious variety and the latter refers to modifications toward more stigmatized or less socially valued forms in context.

Compreende-se, então, que tanto a convergência quanto a divergência podem apresentar fatores considerados negativos ou positivos, a depender da situação de prestígio que se encontrem ou por outras questões relacionadas à estigmatização social dentro do contexto de cada indivíduo.

Sugere-se por meio dos resultados obtidos com a falante 6 que, apesar do longo tempo de convivência com a comunidade de fala pessoense, houve uma hiperadaptação, a qual acelerou o processo de acomodação devido à força negativa percebida em suas respostas. Observemos um trecho de sua fala, o qual embasa este raciocínio.

FALANTE 6

Trecho de fala/ questão 8:

“A convivência ajuda, com certeza, mas eu vejo assim...Que outras pessoas da família... Eu tenho primas, que moram aqui há mais tempo que eu. E elas não, não perderam totalmente, assim, tanto quanto eu. Minha prima ela veio com 14 anos, ela tem a mesma idade que eu, você percebe [...] Ao meu ver elas falam normal ainda, têm a mesma fala, o mesmo sotaque paulista [...]”

Percebe-se de fato, que houve certa aceleração para acomodação da palatalização. Além disto, outros aspectos observados durante a análise de oitava

⁴ Atitudes negativas e convergentes, porque foi o fator negativo do grupo que gerou atitudes negativas na falante, favorecendo a acomodação. Neste estudo a combinação do negativo e convergente é uma situação real.

nos direciona para este raciocínio, como por exemplo, a emissão de vogais abertas, a entonação, a acomodação do “erre” aspirado, entre outros.

Como exemplos da acomodação da palatalização, temos a produção nos seguintes vocábulos:

Paulistas~pauli[ʃ]tas
Manifestações~manife[ʃ]tações
Gostou~go[ʃ]tou
Estudo~e[ʃ]tudo
bastante~ba[ʃ]tante
questão~que[ʃ]tão
nordeste~norde[ʃ]te
triste~tri[ʃ]te

Ao analisar vocábulo por vocábulo, percebe-se oscilação da pronúncia, ou seja, ora aplica a palatal ora a alveolar, como pode ser conferido a seguir:

Alveolar	Palatal
Pauli[s]tinha	Pauli[ʃ]tinha
Norde[s]tinos	Norde[ʃ]tinos
Exi[s]te	Exi[ʃ]te
E[s]tudar	E[ʃ]tudar

Após exemplificar através dos segmentos fricativos aplicados pela falante, faz-se interessante observar os trechos de fala com as questões 3 e 7, as quais em nossa opinião foram imprescindíveis para a identificação das atitudes que influenciaram na acomodação da fala.

Falante 6

Trecho de fala / questão 3:

“Eu me lembro do preconceito que eu sofria. Porque eu cheguei aqui adolescente...Aí fui pro cursinho, fazer cursinho pré-vestibular. Meninaa!! Eu sofri demais. Ééé. Ninguém podia se aproximar, porque a paulistinha!!! E até hoje, na Universidade, eu sofri preconceito. Eu fui reprovada em uma disciplina por ser paulista [...]

Falante 6

Trecho de fala / questão 7:

“Eu acho que até mesmo pela questão do preconceito, você acaba tentando se moldar ao falar daqui, pra você não tá sofrendo tanto. Lá em casa, eu acho, que quem mais sofreu fui eu, meus irmãos não. É tanto, que, você percebe bem claro o sotaque deles ainda. Quem mudou mais o sotaque lá em casa, fui eu. E eu acho que foi, porque eu fui, quem sofri mais. Porque logo que eu cheguei aqui, era demais, todo mundo percebia, todo mundo falava do erre, a po[R] ta. Entendeu?! Então, como isso me incomodava, então, eu comecei a mudar [...] Muita coisa foi treinada. E outra pela convivência mesmo, né? que você pega...o muído, (risos) Que muído é esse? (risos) [...]”

Os resultados estão de acordo com a Teoria da Acomodação (GILES, 1973), quando apontamos que as atitudes negativas formadas no indivíduo acabam levando-o a acomodar-se ao falar em contato. E são as condições inerentes ao *status*, *ao poder* que interferem no processo da mudança.

A figura abaixo expressa uma adaptação do modelo desenvolvido por Giles e Ryan (1982) originalmente localizado em Giles et al (2010, [1991], p.38). Ilustramos este modelo adaptado por oferecer um melhor entendimento sobre a relação das atitudes linguísticas com a acomodação.

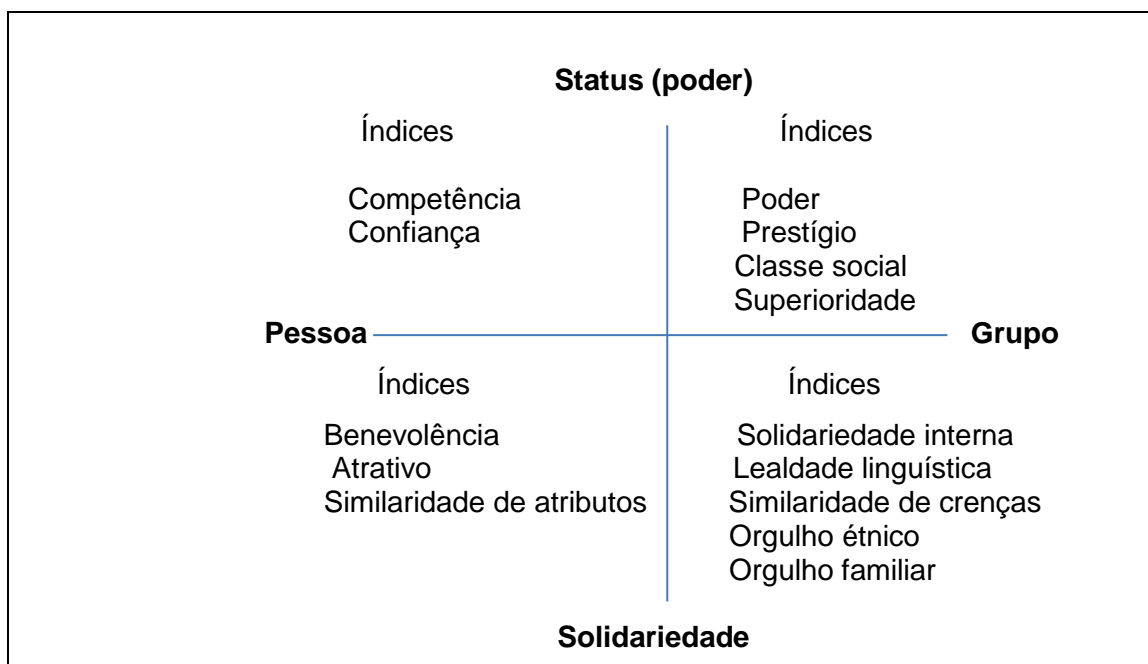


Figura 3: Situações percebidas em relação com a atitude linguística e índices avaliativos em duas dimensões (adaptação do modelo de Giles e Ryan (1982) apresentado por Fernández (1998, p. 186).

A figura 3 é uma adaptação de Fernández (1998), do modelo de Giles e Ryan (1982), o qual ilustra a relevância das principais atitudes do falante para a

acomodação da fala. Esses aspectos corroboram os resultados desta pesquisa, pois segundo Fernández (1998, p. 186):

Neste modelo, as situações públicas, formais, de relações entre membros de grupos diferentes, levam ao uso de elementos sociolinguísticos adequados ao status e ao poder dos falantes em maior proporção que nas situações informais, privadas e de relações entre os membros de um mesmo grupo. **Os ambientes escolares, administrativos, costumam responder a um padrão sociolinguístico, o qual se dá uma grande importância ao status social, enquanto que nos âmbitos ou domínios da família e da vizinhança destacam usos sociolinguísticos, os quais primam pelo conceito de solidariedade.** Por outra parte, nas situações de contato entre duas pessoas, costuma predominar mais claramente o conceito de indivíduo ou pessoa. Do mesmo modo, o uso de uma variedade prestigiosa predispõe os falantes a interpretar que uma situação está dominada pelos conceitos de status e de grupo.

Após análise acima, com a falante 6, seguiremos os mesmos passos ao analisar a falante 1, a qual iniciou o contato dialetal muito cedo, aos três anos de idade (ver perfil no quadro 1 p.44).

Falante 1

Ao analisar a fala desta falante percebemos que nas questões:

1. Acha normal, porque cresceu aqui.
2. Posicionamento claro com relação à consciência de variedades dialetais.
3. Afirmar certo incômodo quando o sotaque pessoense aparece “carregado”.
4. Não enfatizou a diferença entre os falares de São Paulo, porém demonstrou gostar do “erre” retroflexo, o qual segundo a mesma é produzido esporadicamente, devido ao contato com os pais e com a família que vive em São Paulo (férias de julho sempre em São Paulo).
5. Insegurança na resposta. Posicionamento demonstrando preconceito com o erre de São Paulo aqui em João Pessoa. O grupo percebe a pronúncia paulista e pede que fale direito (falar direito é falar como pessoense).
6. Posicionamento oscilante. Inicialmente respondeu que o falar é pessoense, porém, retomou a resposta, caracterizando o próprio falar como uma mescla entre o de São Paulo e o da Paraíba, enfatizando maior presença de aspectos pessoenses.
7. Contato desde a infância e a convivência.

8. Resposta igual a anterior.

Portanto, as atitudes da informante nos revelam os seguintes dados para acomodação com a palatalização:

b) Dados Atitudinais

Atitudes Linguísticas		
Conclusão Geral	Fatores-Acomodação	
	Positivo	Negativo
Correções	-----	Convergente
Contato desde a infância	Convergente	Convergente

Quadro 12: Dados atitudinais para acomodação da falante 1

Ao ler o quadro 12 compreende-se que as correções (disponíveis nas transcrições nos trechos de fala) exercem papel delimitador do dialeto, mantendo o falar acomodado sobre certo controle.

Há muito Max Weinreich (1945) citado por Couto (2007, p.323) já mencionava que “a língua é um dialeto com um exército e uma marinha”. Esse pensamento de Weinreich pode explicar as forças de poder para manter as características do falar *in loco*.

No caso da acomodação, essa expressão ainda pode explicar, baseado em nossas inferências, as pressões que a criança e o adolescente sofrem (as quais não são percebidas nessa fase, sendo em algum momento na maturidade, interpretadas negativamente) para assimilar as características do falar local. E após acomodação, o grupo em convívio exerce papel fiscalizador, para mantê-la.

Os trechos de fala selecionados e transcritos são os mais relevantes sobre a experiência individual da falante a seguir, e podem confirmar nossas interpretações com o contato dialetal pessoense.

Questão 3: Algo lhe incomoda no falar pessoense?

Falante 1

Trecho de fala/ questão 3:

“Incômodo só quando eles carregam muito...São as expressões mesmo, carregadas...O oxente. Eu digo, tá, meu filho tenha calma. Não precisa falar OXENTE!!(risos)... A m[U]lesta dos cachorr[U]s!! (risos)... Aí eu, meu Deus!!, pode falar mais normalzinho...Às vezes o pessoal carrega muito, eu acho assim, entendeu?”

Essa falante, que iniciou o contato dialetal na primeira infância, apresentou longo tempo de exposição na comunidade de fala pessoense, fator social que justifica a forte aplicação do fenômeno da palatalização, o que já era esperado.

No caso desta falante, nos surpreendeu o registro da aplicação de segmentos característicos do falar paulista (segundo espectrograma 9, p.75), o que nos leva a inferir que forças referentes ao status e à solidariedade convergiram para acomodação ao falar pessoense, como também para conservação do falar paulista. Vejamos o seguinte trecho de sua fala.

Questão 6: Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir de São Paulo? Por quê?

Falante 1

Trecho de fala/ questão 6:

“[...] Eu acho que a minha fala é mesmo, é daqui, é pessoense. Às vezes eu até me espanto, que eu puxo muito mais, o sotaque daqui. [Silêncio]. É, mas querendo ou não, meu sotaque é diferente, porque quando eu falo com o pessoal, eles acham diferente, ainda acham diferente. Porque, acho que é justamente isso, a convivência minha, com você (mãe) e com papai. Então, meu sotaque não é daqui, e também não é de São Paulo. Mas eu acho que é mais puxado pro daqui...Mas às vezes eu dou uma caidinha no de São Paulo, aí volto, aí vou de novo”.

De acordo com a figura três, encaixamos as atitudes dessa falante no *status* (correções dos colegas do colegial à universidade) e na solidariedade com sua comunidade de fala de origem (solidariedade interna, lealdade linguística e orgulho familiar), o que justifica a busca, segundo sua resposta na questão três, de

definir o sotaque do seu falar, ficando confusa e concluindo que de fato o seu falar é diferente por apresentar uma mistura entre o falar pessoense e o de São Paulo.

Para as correções como atitudes negativas que contribuem para a manutenção do falar pessoense, temos o trecho de fala retirado da questão 5, transcrito a seguir.

Questão 5: Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?

Falante 1

Trecho de fala/ questão 5:

“[...] Aqui o pessoal, pelo menos os meus amigos, eu pensava que não, mas eles pensam que a gente...- A gente como se eu fosse pessoense também (risos)...É...Supervaloriza o paulistano. Eu acho que não, talvez porque eu seja de lá, sei lá. Eu num tenho essa...Pra mim paulista é igual a pessoense que é igual a qualquer um. Pra mim é a mesma coisa. Os que são daqui tem uma visão mais...Que o pessoal de São Paulo é óóóó!! [...]. Tanto é, que quando eu falei pra eles que quando eu cheguei aqui, o pessoal ficava zoando do meu “erre”, eles falaram não, isso é coisa da sua cabeça. Tem certeza que isso aconteceu? Porque, a gente valoriza tanto o que vem de fora. (Diálogo com irmã a esse respeito). A falante retoma. [...] Meu maior tempo de convivência é com você (irmã) papai e mamãe. E papai e mamãe, vocês (os três- irmã, pai e mãe) ainda falam com sotaque paulista. Outro dia, mamãe falou mesmo, o fo[R]no. A ca[R]ne tá no fo[R]no (risos). Aí, às vezes, quando eu chego na universidade, e sem querer, assim, eu puxo um pouquinho mais do erre, já vem o povo dizendo, fala direito falante 1[...] Quando eu voltei de São Paulo (férias), que eu acho que meu sotaque veio mais paulista...Porque o pessoal tava falando ...fala direito, fala direito, aí eu tive que me policiar. Só porque eu tava puxando um pouquinho mais o erre, somente isso, só um pouquinho a mais. Aí o povo já me mandava falar direito. Aí eu tive que me policiar pra falar mais o paraibanés [...]”.

Posteriormente analisaremos as atitudes da falante 2, a qual mantém parentesco fraternal com a falante 1(são irmãs). O perfil completo da falante pode ser conferido no quadro 1, página 44.

Falante 2

Ao analisar a fala desta informante interpretamos as questões:

1. Acha o sotaque diferente.
2. Posicionamento claro com relação à consciência de variedades dialetais.
3. Afirma algum incômodo. Menciona “erre” arrastado e o “esse” sem pluralizar.

4. Posicionamento claro com relação às diferenças, quando compara sua emissão [R] com [r].
5. Acredita sim no prestígio político-econômico de São Paulo e no preconceito com o paraibano.
6. Menciona acomodação ao dialeto pessoense. Momentos formais fala mais paulista (leitura) momentos informais fala mais paraibana.
7. Acredita nas mudanças com o “erre”, vogais abertas e palatalização (não soube exemplificar o último aspecto).
8. Convivência escolar. Ações inconscientes para acomodação.

Nossas interpretações nos indicam os seguintes dados das atitudes linguísticas para favorecimento à acomodação da palatalização.

c) Dados Atitudinais

Atitudes Linguísticas		
Conclusão Geral	Fatores-Acomodação	
	Positivo	Negativo
Correções	-----	Convergente
Convivência	Convergente	Convergente

Quadro 13: Dados atitudinais para acomodação da falante 2

Ao ler o quadro 13, pode-se inferir que a convivência, assim como na falante nove, influenciou tanto negativa quanto positivamente. No entanto, o fator que nos chama atenção são os aspectos negativos dessa convivência, como são interpretados e como os indivíduos reagem para acomodar-se.

Para tanto, registramos que seus grupos de escola, segundo seu depoimento, rejeitaram fortemente os aspectos do seu falar, levando-a a modificar o dialeto original. Confirmamos o seguinte trecho de fala na questão 5 e o posterior a esse, na questão 1.

Questão 5: Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?

Falante 2**Trecho de fala/ questão 5:**

“Eu acho que é por causa mais da carga cultural do que o sotaque. O sotaque você reconhece da onde a pessoa é [...] Muitas pessoas de lá pensam que a gente (a gente, que eu já me considero quase daqui), que o pessoal daqui é ignorante, então quando escuta que a pessoa tem o sotaque nordestino já acha que a pessoa é ignorante, que não tem estudo, é burra. É mais pela identificação da pessoa, do que destaque. O destaque vem da carga cultural, do lugar que a pessoa vem. Que a pessoa de São Paulo é de um jeito, a pessoa da Paraíba é de outro. Aí você projeta, o sotaque identifica a pessoa. A partir da identificação da pessoa que vem o preconceito, vem o destaque ou não [...] depende da pessoa que tá identificando [...] Então, se um nordestino chegar lá, já pensa que é morto de fome, que só saiu de lá, porque lá não tem nada. O sotaque é o começo do preconceito da pessoa que vem daqui, tanto daqui pra lá, quanto de lá pra cá. Tanto que quando eu cheguei aqui, as crianças pensavam que eu era metida a besta, porque eu falava diferente, porque eu vim de São Paulo. Porque tem aquela coisa de você se apresentar, da onde você vem, quantos anos você tem. Aquela coisa da escola no primeiro dia quando você chega. Então, o pessoal pensa, que eu só... Que eu era a riquinha que vim de São Paulo [...] É uma coisa muito grave na verdade. O tal do *bullying* que até quando era criança ainda não tinha esse nome, já acontecia, porque eu falava diferente. Porque a criança não sabe a carga de maldade que carrega o que ela tá dizendo [...]”.

Questão 1: O que acha do falar da Paraíba (pessoense)?

Falante 2:**Trecho de fala/ questão 1:**

“Eu acho. Comparando com o que eu aprendi. Que primeiro quando eu cheguei aqui, eu sofri com as crianças na escola, principalmente na hora de falar as vogais, todo mundo falava a, [é] e eu [ê]. Aí todo mundo olhava pra mim como se eu fosse um álien [...] Eu era diferente, então sempre ficavam no meu ouvido Ah você fala errado... Sempre tiravam sarro da minha cara porque eu tinha o sotaque diferente[...] Eu acho bem diferente, porque era diferente do jeito que eu falava. E mais agora, porque como misturou o meu sotaque, daqui misturou com o de lá. É ainda mais diferente, porque é uma coisa única [...] O sotaque daqui, pra mim, é só diferente, eu não acho mais nada além de diferente, porque como são lugares diferentes as culturas são diferentes, é tudo diferente, o sotaque também tem que ser diferente [...]”

Outro trecho de fala, importante para nós, está disposto na questão 8 abaixo, pois evidencia a assimilação de características do dialeto a partir do contato, o qual muda aspectos do sotaque devido as forças de poder do grupo. Em contrapartida, na fase infantil, muitos aspectos comportamentais (inserindo a forma de falar) são reproduzidos a partir de um modelo admirado, como por exemplo, na convivência com o docente.

Questão 8: O que você acha que contribuiu para a mudança no seu falar?

Falante 2

Trecho de fala/ questão 8:

“Principalmente, acho, a convivência com as crianças, porque principalmente quando a gente tá aprendendo a falar, tá aprendendo um vocabulário, você aprende a falar com quem tá falando aqui. Por exemplo, muita coisa eu tive que mudar, e muita coisa eu já aprendi aqui [...] Eu aprendi o daqui, só que eu já tinha o de lá [...] É a hora que se estabelece seu sotaque, aonde quer que você esteja. É a hora que você está aprendendo a ler e escrever. Eu comecei a falar, mas aprendi a escrever e a ler aqui”.

Após inferências a partir dos trechos de fala, retomamos a figura 3 do modelo de Giles e Ryan, para apontar que as relações com o *status* (o poder exercido pelo grupo) levou a correções, enquanto que a solidariedade (solidariedade interna, lealdade linguística e orgulho familiar) com o seu falar de origem persiste em preservar características segmentais.

Verifiquemos alguns poucos exemplos de flutuação entre a alveolarização e a palatalização desta falante 2:

Alveolar	Palatal
Arra[s]ta	Arra[j]ta
Ju[s]tamente	Ju[j]tamente
E[s]tica	E[j]tica

Esta falante apresentou, em sua maioria, a aplicação da palatalização, apesar de haver palatalizado menos que a falante seis e a um. Fato que nos chama atenção, visto seu contato dialetal haver iniciado aos cinco anos de idade. São exemplos de palatalização da falante 2: se[j]ta, pauli[j]tas, cada[j]tro, pa[j]ta, fe[j]ta, cienti[j]tas, dentre outras.

São ainda exemplos da não palatalização: de[z]dobrou, e[s]tadia, ami[s]toso, re[s]tante, adventi[s]ta, e[z]drúxulas, e[s]trapolam, de[z]denhar, ane[s]tesia, dentre outras.

Desta etapa final da análise, tentou-se extrair as atitudes que podem estar interferindo no processo de acomodação da palatalização dos sujeitos desta pesquisa.

Faz-se necessário discutir e relacionar as variáveis sociais mais relevantes na seleção do *GoldVarbX* para acomodação da palatalização, com os indicativos das atitudes linguísticas.

Antes serão levantadas algumas considerações. Pode-se perceber que os trechos de fala analisados apresentaram aspectos relacionados à solidariedade, nos casos da falante 1 e 2 com seu falar de origem, para não perdê-lo totalmente.

É possível advogar que foram as questões relacionadas ao *status* e ao poder, como correções da fala, sofrimento, preconceito e fala diferente que convergem para a acomodação de forma negativa.

Desta maneira, são fatores negativos que vão direcionando o falar para acomodação. Além do mais, acreditou-se que o receio da criança e do adolescente de não serem rotulados, ou chamarem a atenção e quererem estar imersos no grupo, pudessem levá-los a um processo acelerado da acomodação, independente da situação de prestígio.

A hipótese defendia que essa pressão negativa do poder/fala só aconteceria em situação de uma comunidade considerada de menor prestígio com outra considerada de maior prestígio.

Logo, relacionando esse resultado com a variável *idade*, compreende-se que a fase da adolescência caracteriza a necessidade que o sujeito tem de ser semelhante ao grupo, para inserir-se, para ser aceito, para estar incluído no rol dos seus pares. Desta forma, justificamos o porquê da primeira faixa etária ter sido a mais favorecedora para a acomodação da palatalização.

Com relação ao *tempo de exposição*, inferiu-se que houve uma hiperadaptação do fenômeno da palatalização na falante 6, ou seja, *suas atitudes negativas foram convergentes para acelerar o processo da acomodação*, o que justifica nesta falante o maior número de aplicação da palatalização das fricativas alveolares em coda antes das oclusivas coronais dentais /t/ e /d/.

Enquanto que as falantes 1 e 2, as quais cresceram em João Pessoa, preservam ainda a fricativa alveolar no final de sílaba antes das oclusivas dentais.

Desta maneira, é possível concordar com o posicionamento de Street e Hopper (1982) citado por Fernández (1998) quando afirmam que a acomodação traz na mensagem, aspectos emocionais/psicossociais, que influenciam ou são influenciadas em variáveis como idade, sexo, entre outras.

Assim, temos para os dados estatísticos da análise quantitativa, que na variável tempo de exposição, o aspecto favorecedor para acomodação da

palatalização foi a exposição acima de 8 anos, resultado que está de acordo com as atitudes linguísticas das falantes aqui mencionadas.

A seguir serão apresentados os falantes que menos se acomodaram a palatalização pessoense.

4.2.2 Falantes que menos se acomodaram à palatalização

Os 3 sujeitos que menos aplicaram a palatalização estão dispostos no quadro com o total de palatalizações por falante, os quais serão apresentados por ordem de menor incidência da palatalização.

TOTAL DE PALATALIZAÇÕES POR FALANTE		
Falantes	Nº Total de Palatalizações	Porcentagem %
1	50	19.8
2	47	18.5
3	17	6.7
4	23	9.1
5	06	2.4
6	56	22.1
7	03	1.2
8	15	6.0
9	23	9.1
10	13	5.1
TOTAL	253	100%

Quadro 14: Total de palatalizações por falante destacando os três que menos palatalizaram

Destacam-se os falantes 5, 7 e 10 como os que menos aplicaram o fenômeno da palatalização.

Por meio das questões na entrevista de percepção do falante, já esboçadas neste capítulo e situadas no apêndice D, será iniciada a análise apresentando inferências sobre a percepção do falante, com trechos de sua fala que justifiquem o posicionamento para as atitudes linguísticas. Serão realizadas na sequência (critério quanto à menor aplicação da palatalização) com os falantes 7, 5 e 10.

FALANTE 7:

Respostas:

1. Respondeu claramente que acha diferente e menciona simpatia e beleza na fala pessoense.
2. Posicionamento claro com relação à consciência de variedades dialetais.
3. Afirma que não há incômodo, porém menciona traços que parecem divergir do seu falar.
4. Posicionamento claro com relação às diferenças. Exemplifica com o seu erro do interior comparando com o da capital. Rotula o erro do interior como caipira e que sua família da capital iniciou a percepção dessas diferenças.
5. Acredita que a diferença que pode ocorrer é pela representatividade do estado para o Brasil.
6. Refere a não acomodação ao falar pessoense.

As questões 7 e 8 dependiam da resposta negativa para acomodação na questão 6, portanto as mesmas não foram indagadas.

As atitudes da informante revelam os seguintes dados para a acomodação da palatalização:

a) ⁵Dados Atitudinais

Atitudes Linguísticas		
Conclusão Geral	Fatores – Acomodação	
	Positivo	Negativo
Convivência vizinhança	Convergente	-----

Quadro 15: Dados atitudinais para acomodação da falante 7

⁵ Ao analisar os falantes que menos palatalizaram, pode ser observado por meio do estilo de leitura que as palavras combustível, instituição, investigação, mastigação, testes e desde, possuem o fonema /t, d/ seguido do /l/ favorecendo a ocorrência da africada. Apesar da constatação não categórica deste fenômeno, nesse estudo, essa percepção sugere uma investigação mais aprofundada em outro trabalho.

Considera-se que as atitudes positivas e convergentes à acomodação dialetal não teve tempo de exposição suficiente para sua ocorrência, pelo menos no fenômeno aqui estudado. Apesar de não observar nenhuma palavra de valor que indique a divergência ao dialeto pessoense, infere-se que enquanto a mesma se mantiver solidária com o falar pessoense, e, quanto mais tempo estiver em contato com o dialeto, poderá apresentar acomodação ou hiperacomodação.

Para confirmar as atitudes positivas para uma possível acomodação, há o trecho de fala retirado das questões 1, 5 e 6 transcritos a seguir.

Questão 1: O que acha do falar da Paraíba (pessoense)?

FALANTE 7

Trecho de fala/ questão 1

“Eu acho, não tenho nada assim de falar contra não. Eu acho diferente, né porque, cê vem de um estado...É outro tipo de fala e aqui falam diferente, né?! O som do erre, do [ê]. **Eu acho engraçado né, o [ê] que vocês falam [é], e o erre também...[ar] que eu acho tão bonito... Tento falar [ar] mas eu falo [aR]. Tenho nada contra não, eu acho até bonita a fala.**”

Questão 5: Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?

FALANTE 7

Trecho de fala/ questão 5

“O falar ? Eu acho que não, né?![...] Eu acho que as próprias pessoas, quando você fala que é paulista parece que é diferente. Mas eu mesma não vejo diferença. Não sei se é porque São Paulo é o maior estado do Brasil, né?! [...] Não sei se tem haver com isso também, mas na minha opinião eu acho que não.”

Questão 6: Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir de São Paulo? Por quê?

FALANTE 7

Trecho de fala/ questão 6

“Eu acho que é! Eu não mudei não. Eu acho que continuo falando do mesmo jeito...Caipira [risos], do interior [risos]. [...] Fiz umas amizades, converso com minhas vizinhas do prédio, tem minha vizinha a M. que converso todo dia. [...] Eu vejo diferença nos meus filhos, que eles querem falar igual aos paraibanos...Oxente, diga aí [risos].”

Pode-se inferir, a partir dos trechos de fala expostos, que os fatores sociais tempo de exposição e idade estão influenciando a divergência à acomodação dialetal, visto suas atitudes serem entendidas como positivas, aspecto que confirma o entrelaçamento, neste caso, das variáveis sociais (pouco tempo em exposição e acima de 30 anos) para as atitudes da falante (já são positivas).

Para esta falante as atitudes apontam que será possível um processo de acomodação, o qual dependerá de estudos posteriores para essa constatação.

A seguir serão analisadas as atitudes da falante 5.

FALANTE 5:

Respostas:

1. Responde claramente que acha diferente e menciona contragosto, dissabor com a pronúncia pessoense.
2. Posicionamento claro com relação às diferenças dialetais ao comparar o falar pessoense com o paulista e carioca. Porém, com relação aos dos estados do Nordeste não percebe diferença.
3. Afirma que não há incômodo, contudo menciona traços que parece discordar.
4. Aponta as diferenças, apesar de não ter êxito na comparação do “erre” retroflexo com o tepe. Acha que tem sim.
5. Refere que São Paulo é um local de muitas oportunidades e os paraibanos são criticados. Abstrai-se de seu discurso, que São Paulo tem representatividade socioeconômica de destaque no Brasil.
6. Refere acomodação ao falar pessoense.

7. Acredita que absorveu gírias, a entonação, o “erre” aspirado. Não menciona a palatalização.
8. Convivência.

Portanto, as atitudes da informante revelam os seguintes dados para acomodação da palatalização:

b) Dados Atitudinais

Atitudes Linguísticas		
Conclusão Geral	Fatores – Acomodação	
	Positivo	Negativo
Solidariedade Falar de origem	-----	Divergente
Convivência vizinhança	-----	Convergente

Quadro 16: Dados atitudinais para acomodação da falante 5

Lendo o quadro 16, entende-se o fator convergente como negativo diante da convivência familiar, quando afirma o não contentamento de estar se acomodando ao falar pessoense (falar pessoense em sua opinião é “feio”).

Foi interessante observar que de fato sua prosódia e o erre apresentaram perceptivelmente acomodação, traço pouco apreendido no fenômeno estudado. Os motivos para este tipo de seleção “inconsciente” podem estar relacionados com o objetivo do falante no grupo em que interage, como defende Giles (1973) na TA.

O fator divergente e negativo pretende explicar a resistência que a mesma nutre, em apresentar traços do falar local, o que a afastaria de seu falar de origem, considerado por seus pares (paulistas) como mais valoroso. E como apreendido em seu falar, a opinião de seus pares é bastante significativa.

Serão apresentados trechos de fala da falante 5, relacionados às questões 1, 2, 5 e 6.

Questão 1: O que acha do falar da Paraíba (pessoense)?

FALANTE 5

Trecho de fala/ questão 1

“Eu acho muito feio, porque o pessoal fala cantando...Oxenti bichim!!...É o jeito de falar cantando [...]. Ou tá falando ou tá cantando, é uma coisa ou outra. É um falar muito feio. [...] Eu não convivi com pessoas de outros lugares assim sabe, daqui, mas aqui de João Pessoa que eu conheço, é muito feio... É não, num gosto [risos].”

Questão 2: Você acha que os paraibanos (pessoenses) falam diferente de falantes de outros Estados?

FALANTE 5

Trecho de fala/ questão 2:

“É diferente falar assim, do pessoal que mora em São Paulo, Rio de Janeiro, mas se for assim, João Pessoa, Recife eles falam parecidos né?! Eu acho que falam tudo do mesmo jeito, tudo parecido, cantando (entonação pessoense) [...] Eu me esforço tanto para não falar desse jeito, mas tô começando a falar [risos].”

Questão 5: Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?

FALANTE 5

Trecho de fala/ questão 5

São Paulo...Tem aquela diferença!!.. No meu particular eu acho que tem sim. Eu não tenho preconceito com ninguém, cada um tem seu jeito de falar. Tem gente que tem (que vê) diferença assim, pelo jeitinho...(exemplifica) Só podia ser paraibano mesmo pra fazer um negócio desses. Tem gente que critica mesmo, né?! [...] Tem gente que coloca São Paulo lá em cima como se fosse, o melhor lugar do mundo. [...] O pessoal acha que tem muitas oportunidades [...] O pessoal acha que lá a vida financeira até melhor. [...] O estudo lá, dizem que é melhor, mas eu não acho não, eu acho que aqui o estudo é bem melhor, que lá o de São Paulo. [...] Eu só acho feio, mas tem pessoa (que pensa): - Não, não vou botar o paraibano aqui não, porque fala errado. [...] Eu tiro até por mim, assim, que se eu chego falando paraibano o pessoal vai rir da minha cara... O pessoal da minha família mesmo vai começar a rir da minha cara, que eu tô falando paraibano. Eu não tenho preconceito não, eu só acho feio [risos].

Questão 6: Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir de São Paulo? Por quê?

FALANTE 5

Trecho de fala/ questão 6

“Não [risos] mudei totalmente com a convivência, falando com os paraibanos a gente pega às manias, a fala, tudinho. Eu mesma percebo, tem gente que percebe o pessoal lá de São Paulo percebe, isso até me chateia, sabe?! [...]”.

Percebe-se que esta falante deseja manter os traços do seu falar de origem mais por uma questão de poder do que de solidariedade.

Por meio de sua entrevista foi possível apreender que o grupo paulista ao qual pertencia mantinha fortes sentimentos por São Paulo, considerando-o de maior prestígio. É possível relacionar essa situação ao nível de escolaridade (ensino médio em conclusão conforme apêndice F).

Segundo Fernández (1998), o nível de escolaridade é um fator que mantém relação com o *status* e o poder. E neste caso, inferiu-se que as atitudes de seu grupo pertencente a São Paulo e as da falante em si dão grande força e valor aos traços do falar paulista, garantindo certo *posto de status* tanto na comunidade de origem quanto na pessoense.

Verificou-se que, apesar de sua resistência e não aceitação com o falar pessoense, muito de sua fala foi acomodada, porém o fenômeno estudado apresentou aplicação insignificante.

A seguir serão analisadas as atitudes linguísticas do falante 10.

FALANTE 10:

Respostas:

1. Responde claramente à percepção das diferenças entre os falares de São Paulo e João Pessoa.
2. Posicionamento claro com relação às diferenças regionais (pronúncia).
3. Afirma que não há incômodo.
4. Percebe as diferenças, principalmente com relação ao “erre” retroflexo e tepe.
5. Concorda devido à representatividade de São Paulo para o Brasil.
6. Afirma a não acomodação ao falar pessoense.

As questões 7 e 8 dependiam da resposta negativa para a questão 6. Diante disto não foram indagadas.

Portanto, as atitudes da informante nos revelam os seguintes dados para acomodação da palatalização:

c) Dados Atitudinais

Atitudes Linguísticas		
Conclusão Geral	Fatores – Acomodação	
	Positivo	Negativo
Solidariedade Falar de origem	-----	Divergente
Convivência vizinhança	-----	Convergente

Quadro 17: Dados atitudinais para acomodação do falante 10

Ao ler o quadro 17, pode-se compreender o fator convergente e negativo, o qual se relaciona ao poder (pressão) que a fala local exerce na acomodação. Esse aspecto, todavia, não foi apreendido neste falante, devido à pouca aplicação do fenômeno da palatalização. Foi possível inferir que o fato deste ocupar um cargo de gerenciamento, pode ter realizado uma pressão oposta, ou seja, sua fala com acento do Sudeste e credibilidade perante o grupo gerenciado, foi mais mantenedor que a força local para a acomodação.

O fator divergente e negativo relacionado à solidariedade com seu falar de origem refere-se a sua conduta e atitudes, de certa forma implícitas (nos trechos de fala), justificando e firmando seus traços característicos com seu falar paulista, acarretando no distanciamento do falar local. Essa inferência está de acordo com a afirmação de Fernández (1998, p. 155) ao explicar que “a divergência pode ser

procurada por aqueles que querem manter a distância social e linguística dos sujeitos que pertencem a grupos sociais diferentes”.

Serão apresentados trechos de fala do falante 10, relacionados às questões 1, 2, 5 e 6.

Questão 1: O que acha do falar da Paraíba (pessoense)?

FALANTE 10

Trecho de fala/ questão 1

“Em termos de sotaque eu gosto do sotaque nordestino, eu acho um negócio mais despojado. Algumas palavras evidentemente que são curiosas, né?! Às vezes eu até me surpreendo, com um termo ou outro [...] A questão do regionalismo a gente sabe que é muito forte. Por exemplo, pra mim se eu te falar: - Pô, cê tá usando a camisa...Tá ensacado! Ensacado pra mim é um negócio muito curioso, engraçado, né?! A gente não usa esse termo lá no Sul. Mas, eu procuro respeitar essas diferenças, diferenças regionais, culturais. Mas, eu gosto da forma, tanto do carioca quanto do nordestino, eu acho legal, o sotaque.”

Questão 2: Você acha que os paraibanos (pessoenses) falam diferente de falantes de outros Estados?

FALANTE 10

Trecho de fala/ questão 2

“De outros estados, assim eu tive a oportunidade de viajar bastante, né?! Sempre gostei de tá viajando, então, ééé...É muito claro né?! As diferenças que existem, como eu te falei, diferenças regionais. Eu morava no Sudeste, então, no próprio estado de São Paulo cê tem uma diferença muito grande entre o morador da capital e do interior[R], né?! Quando você vai pro Sul [...] Cê tem um diferencial muito grande, o pessoal fala muito cantado, né?! E é curioso, diferente de mim eu não percebo que me adaptei a essa situação do sotaque aqui do Nordeste. Mas eu te falei da minha irmã que mora no Sul, e ela realmente fala cantado, ela absorveu bem mais, essa questão do sotaque regional e as minhas sobrinhas também. Eu não, e o meu filho, né?! Quando nós viemos pra cá [...] **Ele tinha cinco anos, hoje ele tá com doze, mas também não absorveu.** O que a gente percebe são algumas palavras, que eu acho até natural ele tá usando (refere à idade), mas regionais mesmo não.”

Questão 5: Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?

FALANTE 10

Trecho de fala/ questão 5

“Eu acho que sim. Não por que tem alguma coisa a mais do que os outros, mas eu acho que é pelo que São Paulo representa dentro desse contexto, então, eu acho que é muito mais, **uma associação do sotaque com o estado, que é um estado altamente representativo dentro desse contexto [...]**”

Questão 6: Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir de São Paulo? Por quê?

FALANTE 10

Trecho de fala/ questão 6

“Eu acho. Quando eu vim prá cá eu já tinha as minhas construções silábicas, já tudo formado. Eu vim prá cá, sete anos atrás, eu tinha 39 anos, então, acho que isso já tava muito consolidado (quando veio para o Nordeste- Em João Pessoa está há 4 anos). **Como eu tive, falei pra você, a vivência com vários locais (viveu em vários lugares no Brasil), eu acho que isso... Não sei, se de alguma forma me ajudou a manter esse sotaque paulista...**Mas assim, não é uma coisa também, que eu faço de forma consciente: - Olha eu não quero adotar esse sotaque e tal. Não, eu só falo, mas não tenho essa preocupação entendeu [risos]. – **Ou vou falar mais como nordestino pra ficar mais simpático, ou então, não, eu não vou falar, porque eu quero manter o sotaque paulista, porque tem uma representatividade maior. Não, só falo!**”

Após exposição dos trechos de fala do falante 10, pode-se inferir que a idade mais que o tempo de exposição pode estar influenciando no processo de divergência à acomodação. E que sua fala parece apresentar atitudes positivas com relação ao dialeto pessoense, ao tempo em que se pode observar certa atitude negativa implícita (destaque questão 1).

A opinião levantada sobre a pouca aplicação do fenômeno se relaciona como fatores predominantes: a idade e a resistência à acomodação (atitude que diverge à acomodação no contato dialetal).

A questão 6 destaca uma fala que incita essa relação com a resistência aos demais dialetos, pois, na verdade, o contato com outros falares poderia apresentar outros traços acomodados.

O mesmo relata, ainda na questão 6, que a convivência em outros locais pode ter ajudado a preservar o falar paulista. Este posicionamento pode ser indicativo de uma atitude solidária com seu falar de origem ou relacionada ao poder, visto sua ocupação destinar-se ao gerenciamento de pessoas em empresa de grande porte.

Ao finalizar esta última etapa da análise qualitativa, pode-se entender que, por mais que os falantes se valham de estratégias que encubram sua verdadeira intenção, é possível apreender os aspectos divergentes e convergentes por meio do contexto, da entonação, entre outros.

A relação entre as variáveis tempo de exposição e idade com a variável atitudinal, para os falantes (5, 7 e 10), está de acordo com as conclusões sobre os falantes (1, 2 e 6), ou seja, quanto mais tempo em exposição e mais jovens forem os sujeitos, haverá maior favorecimento à acomodação.

A seguir serão levantadas as considerações finais sobre este trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado, este trabalho objetivou avaliar a existência ou não do processo de acomodação da palatalização em coda medial no contato dialetal de paulistas com pessoenses. Por ser um trabalho de caráter experimental e exploratório, pode-se analisar as variáveis controladas a partir de três ângulos: estatístico, acústico e atitudinal, com o intuito de obter uma visão panorâmica dos resultados através da verificação e confirmação dos dados.

As variáveis controladas nesta pesquisa foram delimitadas por meio de uma intuição primária sobre a provável relação com a acomodação do fenômeno questionado.

Duas rodadas no *GoldVarbX* foram realizadas. A primeira com todos os dez falantes e a segunda com oito falantes (retirando-se as informantes 1 e 2), as quais iniciaram o contato dialetal na primeira infância e fizeram emergir dúvidas: aquisição ou acomodação? O olhar foi direcionado para os aspectos da acomodação, não permitindo entrar no âmbito da primeira. Pode-se constatar com os resultados estatísticos da segunda rodada que os dados não estavam enviesados, permitindo seguir com as análises.

Assim, a acomodação com relação ao fenômeno em questão do falar paulista ao falar pessoense teve incidência mínima. Relembrando: 34, 8% aplicaram a palatalização e 65, 2% não aplicaram este fenômeno.

Dentre os 34,8%, houve três sujeitos (informantes 1, 2 e 6) relevantes segundo análise atitudinal (atitudes linguísticas) e duas variáveis sociais também significativas, o tempo de exposição e a idade, segundo análise quantitativa.

A seguir serão retomadas as questões norteadoras desta pesquisa, apresentando as hipóteses estipuladas e nossas conclusões diante dos resultados.

A primeira questão norteadora: O fator estilístico estará relacionado com a acomodação dos fonemas analisados?

Ao comparar os resultados estatísticos da variável estilística com os dados das variáveis sociais, observou-se menor significância para favorecimento à acomodação. Este apontamento está de acordo com a hipótese de que seriam as variáveis sociais as favorecedoras para assimilação do fenômeno.

No entanto, os dados possibilitaram compreender que é imprescindível analisar a fala por meio dos estilos mais formal (leitura de texto) e menos formal

(entrevista) para obtenção de resultados passíveis de comparação e apreensão de atitudes que confirmem ou complementem os resultados quantitativos.

A seguir serão retomadas as últimas questões norteadoras, as quais não foram respondidas separadamente, devido ao entrelaçamento entre as variáveis sociais e atitudinais.

Quais fatores sociais estarão envolvidos com a acomodação dos fonemas analisados? E qual a significância da atitude linguística do falante paulista para a acomodação ao fenômeno da palatalização?

Levantou-se a hipótese de que todas as variáveis sociais estariam envolvidas para favorecimento à acomodação. E que as atitudes linguísticas favoreceriam ou determinariam o processo da acomodação à palatalização, devido à influência entre poder e solidariedade nas relações entre o falante paulista em contato com os pessoenses.

Na análise quantitativa foi possível observar que na primeira rodada os resultados estavam de acordo, quando o *GoldVarbX* selecionou respectivamente o tempo de exposição, a idade e a naturalidade dos pais. Entretanto, na segunda rodada o fator social *naturalidade dos pais* não foi sequer selecionado, o que levou a desconsiderar esta variável como favorecedora para acomodação do fenômeno.

Com relação às outras variáveis sociais, tempo de exposição e idade, constatamos serem as mais relevantes para a acomodação da palatalização pelos falantes paulistas em contato dialetal com a comunidade pessoense.

As atitudes linguísticas, parte subjetiva e qualitativa deste estudo, demonstraram estar imbricadas com os fatores sociais, sendo estas relações somadas e favorecedoras para convergência ou divergência através de aspectos negativos ou positivos para acomodação.

Logo, foi possível inferir que as variáveis sociais concomitantemente com as atitudes linguísticas estão engrenadas com a acomodação, o que foi denominado de engrenagem linguísticopsicossocial. Portanto, analisar quantitativamente um estudo sobre acomodação dialetal não garante os resultados, sendo primordial, a nosso ver, o seu estudo qualitativo paralelo.

Neste ângulo, considera-se que as variáveis sociais, tempo de exposição e idade e as variáveis atitudinais são imprescindíveis para a acomodação do fenômeno da palatalização em coda medial ante os fonemas oclusivos dentais.

Para o tempo de exposição, relacionado aos dados estatísticos, investigar o intervalo a partir de um ano apresentou-se como insuficiente para estudar a

acomodação do fenômeno em questão. Em contrapartida, os dados atitudinais revelaram que é possível que haja a aplicação da palatalização, não só para o segmento aqui estudado, como em outros aspectos.

A variável idade apontou que o contato dialetal iniciado na fase infantil e adolescente favoreceu a acomodação dos sujeitos da primeira faixa etária. Além disto, verificando os dados atitudinais pode-se constatar que essas são as fases as quais ocorrem mais exigência e cobrança pelos grupos para ser semelhante e não diferente.

Considerou-se que o *status* está relacionado ao poder, aos juízos de valor, os quais estimulam atitudes mais negativas do que positivas favorecendo pressão à acomodação. E na solidariedade, a qual neste caso está vinculada mais fortemente às características de seu falar de origem, divergindo do falar em contato, por questões mais negativas que positivas (aspectos individuais de cada falante).

As atitudes linguísticas possibilitaram observar outro fator interessante, a não percepção da palatalização, pois nenhum falante a salientou. Observou-se que a produção dos fones [R,r,h] e das vogais fechadas são os de maior percepção, sendo sempre relatados e dados depoimentos experienciais em ambas as comunidades (paulista e pessoense).

Concluiu-se também que os falantes que se consideram de maior prestígio, quando em contato com falantes imaginados de menor prestígio, serão tão pressionados para acomodar-se quanto em situação inversa, quando a exposição for de longo prazo e iniciar nas fases infantil e adolescente.

É possível inferir que o diferencial nesta situação de prestígio ocorre na verdade com os adultos, ou seja, quando a exposição de falantes que se consideram de maior prestígio for iniciada na fase adulta, a acomodação será muito mais demorada, do que em situação inversa.

Para comprovação da hipótese mencionada, sugere-se a realização de estudo longitudinal com os falantes que têm pouco mais de um ano de exposição, os quais participaram da presente pesquisa.

Observou-se com os resultados a existência de processos linguísticos no contato entre dialetos distintos, que ainda não foram investigados, fato que demonstra a necessidade e importância de compreender e registrar os fatores sociais e atitudinais que marcam os falantes e contribuem para convergir ou divergir com o novo falar em contato.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, maio-ago. 2008. 37 (2): 105-112. Disponível em: <<http://www.gel.org.br>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

APPADURAI, A. **La modernidad desbordada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

ASHBY, M.; MAIDMENT, J. **Introducing phonetic science**. New York: Cambridge University Press, 2007.

BEHLAU, M; RUSSO, I. **Percepção da fala: análise acústica**. São Paulo: Lovise, 1993.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M.H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas Livraria, 1999.

BOURDIE, P. **¿Qué significa hablar?** Madrid: Ediciones Akal, 1985.

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica: introdução à teoria prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. São Paulo: Mercado de letras, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CÂMARA JR.,J.M.. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHIANCA, R.M.S. Interagir em língua estrangeira: um assunto sócio-cultural. Tradução: Elisa_____; Ingrid Farias Fachine Oliveira; Sandra Helena Gurgel. Dantas de Medeiros. In: MOARA, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: Editora Universitária/UFPA, n.11,pp. 1-164, jan.-jun., 1999, pp. 65-84.

_____. Tópicos em sociolinguística I. Aula ministrada, sala de aula CCHLA-UFPB, 19 de março de 2010.

COUTO, H.H. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: University Press, 2007.

DUBAR, C. **La socialisation**: constructions des identités sociales et professionnelles. Paris, Armandi Collin, 1991.

DUCROT, O. SCHAEFFER, J.M. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Essais, Points, Editions du Seuil, 1972, 1995, pp.143-148.

FARACO, C.A. **Linguística histórica**. São Paulo: ática, 1991.

FASOULD, R. **The sociolinguistics of society**. Cambridge and Oxford: Blackwell Publishers, 1984.

FERNÁNDEZ, F. M. **Principios sociolingüísticos y sociología del lenguaje**. Barcelona: ariel, 1998.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILES, H. *et al.* **Dimensions of welsh identity**. *European Journal of Social Psychology*, 7,29-39, 1973.

_____. **Language, ethnicity and intergroup relations**. London: cademicpress, 1977.

_____ *et al.* **Contexts of Accommodation**. Cambridge University Press, 2010, [1991].

GOMES, A.A. Considerações sobre a pesquisa científica: em busca de caminhos. 2004. Disponível em: <<http://www.unitoledo.br/intertema/vol15/gomes>>. Acesso em: 6 de Janeiro de 2012.

HONEY, J. Sociophonology. In: COULMAS, F. **The handbook of Sociolinguistics**. Cambridge: Blackwell Publishers Ltd, 1997, pp. 92-106.

HORA, D. **Estudos linguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB/BC, 2004, p. 111-128.

_____ ; WETZELS, L. Róticos: uma po[h,r,]ta entre paraibanos e paulistanos. **Revista Linguística, ALFAL**, v. 24, p.51-76, 2010.

_____ ; PEDROSA, J.; CARDOSO, W. *Status* da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente?. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v.45, n.1, p. 71-79, Jan./Mar, 2010.

_____ ; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p.147-188, 2011.

ISSLER, S. **Articulação e linguagem**: fonologia na avaliação e no diagnóstico. Rio de Janeiro: Revinter, 2006.

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madri: Cátedra, 1983 [1972].

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____ ; *et al.* **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

LAMBERT, W.E. A Social Psychology of Bilingualism. *Journal of Social Issues*. 1967. Abstract. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com>> Acesso: 11 mar. 2011.

LANDER, E. **Ciências sociais:** saberes coloniais y eurocéntricos, en: Lander, Edgardo: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires, CLACSO, 2000, 11-40.

LAVIER, J; TRUDGILL, P. Phonetic and linguistic markers in speech. In: SCHERER, K; GILES, H. **Social markers in speech**. Cambridge: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1979, pp.1-28.

LEITE, C. Atitudes Linguísticas e Teoria da Acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social. In: SEMINÁRIO DO GEL, 58., 2010, *Programação...* São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6421-10>>. Acesso em: 12. dez. 2011.

LISCHETTE, M. Interculturalidad y multiculturalismo. Aula ministrada, sala de aula UBA, 9 de setembro de 2011. Informação Oral.

LUCENA, R. M. Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. Paraibano) na aquisição de obstruentes em coda por aprendizes de inglês: uma análise Variacionista. **Letras de Hoje**, v.45, p.35-42, 2010.

MACEDO, S.S. A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense. Recife, 2004. 87 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco.

MARQUES, S. As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal. Rio de Janeiro, 2006. 159 p. Tese de Doutorado. Coordenação de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras, UFRJ.

MARTINS, M. A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal. Rio de Janeiro, 2008.146 p. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação em Linguística, universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARTINS, I. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: DERMEVAL, H (org.). **Estudos sociolinguísticos:** o perfil de uma comunidade. João Pessoa, 2004, pp. 55-82.

MENDES, R.B. O /-R/ Retroflexo ainda é caipira? In: SEMINÁRIO DO GEL, 58., 2010, *Programação...* São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=7006-10>>. Acesso em: 12.dez.2011.

_____. SP2010: Construção de uma amostra da fala paulistana. São Paulo: Currículo Lattes, descrição do projeto em desenvolvimento, 2012. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0651144091367586>>. Acesso em: 20 de mar. de 2012.

MOLLICA, M.C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M.L.(orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p.27 a 29.

OLIVEIRA, L.; OLIVEIRA, A. (orgs.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

OLIVEIRA, A.; ERVATTI, L.; O'NEILL, M. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e Censos Demográficos. In: OLIVEIRA, L.; OLIVEIRA, A. (orgs.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro. IBGE, 2011, p.28-48.

PRISTON, J. **A evolução histórica dos diversos sotaques do português brasileiro e o trabalho de prosódia na televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2007,pp.133-151.

RIBEIRO, S. R. Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense. João Pessoa, 2006.111 p. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação em Linguística, universidade Federal da Paraíba.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2009.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Press, 2006.

TARALLO, F. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics**: an introduction. London, 1974.

_____. **Dialects in contact**. Oxford: Blackew, 1986.

_____. Language contact and inherent variability: the absence of hypercorrection in East Anglian present-tense verb forms. In: TRUDGILL, P; CHESHIRE, J. **The sociolinguistics reader**: multilingualism and variation. London: Published Arnold, 1998, pp.103-111.

APÊNDICES



APÊNDICE A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre análise fonética de falantes paulistas em contato dialetal pessoense e está sendo desenvolvida por uma aluna do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

O objetivo do estudo é analisar a produção fonêmica em contato dialetal de paulistas que vivem a mais de um ano em João Pessoa. A finalidade do trabalho é contribuir com a verificação e identificação da variação linguística em línguas de contato a luz da teoria da acomodação, beneficiando as populações de falantes, bem como à comunidade científica, pois através dos registros, revela o comportamento e os fenômenos sociolinguísticos envolvidos que modificam o falar original dos interactantes estudados.

Solicitamos a sua colaboração para entrevistá-lo através de gravação, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e publicar em revista científica. Por ocasião da apresentação e publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karoline de Albuquerque Chacon.

Endereço (Setor de Trabalho): Sala do VALPB – Projeto de Variação Linguística no CCHLA-UEPB.

Telefone: 3216-7280

Comitê de Ética HULW-JP

Telefone: (83) 3216-7302 / 3216-7051

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

Ficha de Caracterização dos Sujeitos

1. Sexo: () F () M
2. Idade: _____.
3. Natural de São Paulo de qual cidade: _____.
4. Tempo em que reside em João Pessoa: _____.
5. Naturalidade dos pais: _____.
6. Costuma visitar São Paulo?
() sim () não
7. Se a resposta acima foi sim, diga:
Quantas vezes retorna: _____.
Quanto tempo costuma ficar: _____.
Qual o motivo do retorno: _____.
8. Reside aqui em João Pessoa com mais paulistas? Se sim, marque:
() filhos () companheiro (a) () amigos () parentes () outros
9. Se têm filhos nascidos em São Paulo:
Quantos são: _____.
Qual idade: _____.
10. Convive com pessoenses/paraibanos em quais âmbitos?
() escola () trabalho () vizinhança () outro: _____.
11. Seu nível de escolaridade: _____.
12. Profissão: _____.

Obrigada!!!!

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR

TEXTO 1

A viagem para São Paulo foi marcada para sexta-feira, entretanto, houve imprevistos com o voo e por isso o pessoal se desdobrou para agilizar o embarque, o qual ocorreu horas depois. O objetivo da viagem era fazer um curso de capacitação de vinte horas com professoras paulistas, por isso, foi realizado um cadastro, o qual dava direito a, pasta executiva, listas e festa de encerramento do curso. Ao finalizar o primeiro dia o pessoal combinou de alugar um automóvel e dividir o combustível para conhecer um pouco dessa grande metrópole. A estadia foi num local amistoso e aconchegante. O restante do curso foi tão proveitoso que não houve tempo para tirar a conhecida sesta após o almoço.

TEXTO 2

Os alunos da escola adventista desde crianças passam por atividades diárias de religião, educacionais dentre outras, pois o regime da Instituição é de internato. O Brasil, por ser democrático e em sua essência multicultural, comporta visões, religiões e pensamentos diversos desde que não haja ilegalidades ou quebra dos direitos humanos. Essa concepção, infelizmente não é inerente a todos e por isso há amostra de manifestações esdrúxulas, como discriminação de variados níveis que extrapolam o caráter humano, beirando a barbárie. Não se deve desdenhar, mas aceitar as diferenças.

TEXTO 3

Atualmente é depositada nos cientistas muita esperança, pois suas descobertas para prevenção e tratamento da saúde são inúmeras, como a anestesia para submissão às cirurgias, testes que investigam e detectam distúrbios, administração medicamentosa para maximizar a vida de enfermos graves, bem como a conscientização para melhor qualidade de vida, a exemplo dos desdentados, que têm sua mastigação, fonação, respiração e deglutição (sistema estomatognático) prejudicados.

APÊNDICE D



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR**

Entrevista Sociolinguística

1. Qual motivo de sua migração (Vinda de São Paulo para João Pessoa-PB)? Falar sobre a vida aqui, as mudanças...
2. Você já sofreu algum acidente? Já correu risco de vida?
3. Você já teve algum sonho que de tão real a/o assustou enormemente?
4. Você já passou por alguma situação que já tinha previsto/sonhado? Como se sentiu?
5. Como foi sua infância na escola?
6. O que seus pais queriam que você fosse?
7. Eles tinham muitas expectativas com os seus estudos?
8. Havia muitas regras, como hora para dormir, hora para chegar em casa? O que aconteceu quando alguém saiu da linha? Você lembra de algum episódio marcante?
9. Fale sobre sua profissão, como você chegou até ela, se você se realiza...

*Perguntas adaptadas de Tagliamonte (2006)

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
SUPERIOR

Entrevista sobre a Percepção no Falar dos Interactantes

1. O que acha do falar da Paraíba (pessoense)?
2. Você acha que os paraibanos (pessoenses) falam diferente de falantes de outros Estados?
3. Algo lhe incomoda no falar pessoense? O quê? Por quê?
4. O que pensa sobre o falar de São Paulo (Do interior e da capital)?
5. Você acha que o falar de São Paulo tem mais prestígio no âmbito nacional? E o falar paraibano?
6. Você acha que a sua fala é a mesma de antes de vir de São Paulo? Por quê?
7. Se respondeu **sim** na questão 6. O que acredita ter mudado no seu falar de São Paulo para o paraibano/pessoense?
8. O que você acha que contribuiu para a mudança no seu falar?

APÊNDICE F



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR**

Quadro 1: Resumo do perfil dos falantes paulistas em contato dialetal na Paraíba- 1ª faixa etária.

6 PERFIL PAULISTAS - PRIMEIRA FAIXA ETÁRIA (19-25 anos de idade)								
F a l a n t e s	S e x o	I d a d e	Localidade em São Paulo	T.E	N. P.	T.C.PB	N.E	Profissão
1	F	19	Santo André	16 anos	Pai paulista e mãe pernambucana	Vizinhos e Universidade	Superior em andamento	Estudante de Direito-UFPB
2	F	21	Santo André	16 anos	Pai paulista e mãe pernambucana	Vizinhos e Universidade	Superior em andamento	Estudante Engenharia
3	F	22	SP cap.	4 anos	Malta PB	Trabalho/Vizinhança	Superior	Publicitária. Trabalha em setor de contabilidade.
4	M	24	Taboão da Serra	15 anos	Natal e São Paulo	Trabalho/Igreja	Ensino médio	Frentista
5	F	25	Santos	1 ano e 4 meses	Mãe paraibana e pai paraibano	Escola/Trabalho/Vizinhança	Ensino médio em conclusão	Auxiliar de serviço (escola privada)

⁶ Verificar abreviaturas: T.E; N.P;T.C.PB; N.E na Lista de Abreviaturas e Símbolos.

APÊNDICE F



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
VALPB-VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA PARAÍBA
CAPES-COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR**

Quadro 2: Resumo do perfil dos falantes paulistas em contato dialetal na Paraíba- 2ª faixa etária

PERFIL PAULISTAS - SEGUNDA FAIXA ETÁRIA (acima de 30 anos de idade)								
F a l a n t e s	S e x o	I d a d e	Localidade em São Paulo	T.E	N. P.	T.C.PB	N.E	Profissão
6	F	31	Barueri	10 anos	Pai pernambucano e mãe paraibana	Vizinhos/ Trabalho	Superior	Professora do Infantil/ Escola particular
7	F	34	Pederneiras	1ano e 4 meses	Pai e mãe de São Paulo	Vizinhos/ Ttrabalho	Superior Incompleto	Dona de casa
8	F	36	Ilha Solteira	11 anos	Pai mineiro e mãe paulista	Vizinhos/ Amigos do bairro	Superior	Advogada
9	M	45	Santo André	16 anos	Pai e mãe pernambucanos	Vizinhos/ Trabalho	Superior Incompleto (iniciou adulto)	Construtor e Microempresário
10	M	48	São Paulo Capital	4 anos	Pai e mãe baianos	Vizinhos/ Amigos/ Trabalho	P.Grad. (Mestrado)	Gerente de Recursos Humanos

Siglas: T.E – Tempo de Exposição; N.P- Naturalidade dos Pais; T.C.PB- Tipo de contato na Paraíba; N.E- Nível de Escolaridade.